

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

ROSIANE GONÇALVES DOS SANTOS SANDIM

**A REPRESENTAÇÃO DA QUESTÃO DE GÊNERO NA OBRA O MENINO DE
VESTIDO, DE DAVID WALLIAMS**

**Bagé
2021**

ROSIANE GONÇALVES DOS SANTOS SANDIM

**A REPRESENTAÇÃO DA QUESTÃO DE GÊNERO NA OBRA O MENINO DE
VESTIDO, DE DAVID WALLIAMS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras - Licenciatura em Português e Literaturas da Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Português e Literaturas da Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo

**Bagé
2021**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ROSIANE GONÇALVES DOS SANTOS SANDIM

**A REPRESENTAÇÃO DA QUESTÃO DE GÊNERO NA OBRA O MENINO
DE VESTIDO, DE DAVID WALLIAMS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
(UNIPAMPA)

Prof Dr. Thiago Santos da Silva
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/05/2021, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/05/2021, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/05/2021, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0528235** e o código CRC **5AD083F2**.

Referência: Processo nº 23100.008234/2021-13 SEI nº 0528235

S819r

Sandim, Rosiane Gonçalves dos Santos

A representação da questão de gênero na obra **O menino de vestido**, de David Walliams / Rosiane Gonçalves dos Santos Sandim.

57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2021.

"Orientação: Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo".

1. . Questão de gênero. 2.Literatura Infantil e Juvenil. 3. O Menino de Vestido. I. Título.

Dedico este trabalho de conclusão ao meu esposo, Jorge Luis Madruga Sandim, ao meu querido professor Moacir Lopes de Camargos, o Moa e aos meus avós Vergílio e Edina (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Eu poderia escrever mais algumas páginas somente agradecendo aqueles que me ajudaram nesta caminhada, porém o espaço físico aqui disponível não me permite tamanha ousadia.

Agradeço então, primeiramente a Deus, pela saúde, pela determinação e pela oportunidade de concluir mais essa etapa em minha vida;

Aos meus familiares, especialmente meu esposo Jorge Luis e aos meus filhos Afonso, João Pedro e Arthur Vergílio, noras e também, a filha do coração Vitória pelo incentivo e apoio constantes;

Aos amigos e colegas, que de uma forma ou outra, me ajudaram a caminhar nessa difícil estrada da aquisição dos conhecimentos;

À Universidade Federal do Pampa e seus funcionários por me receberem carinhosamente e por possibilitar que eu ampliasse meus horizontes através de suas fileiras acadêmicas;

Ao amado professor Moacir Lopes de Camargos, pelas palavras de incentivo e ensinamentos transmitidos durante minha jornada discente;

À querida professora Fabiana Giovanni, por me apontar o caminho e me auxiliar nos primeiros passos no universo da pesquisa científica dentro do Grupo de Estudo GEBAP, onde conheci e convivi com pessoas extremamente dedicadas e competentes, meus queridos colegas Nathan Bastos e Nara Oliveira, com os quais muito aprendi;

À minha amada orientadora, Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo, por seus inestimáveis e preciosos ensinamentos, por suas palavras de apoio e carinho nas horas difíceis, e principalmente por sua paciência, amenizando e contornando as dificuldades de cada obstáculo superado durante o desenvolvimento desse trabalho de conclusão.

Estendo meus agradecimentos aos professores Lúcia, Isabel, Miriam, Taíse, Alessandro, Vera, Thiago, Diana, Gilnara, Carolina e Adriano, membros do corpo docente desta tão ilustre universidade, pelos ensinamentos transmitidos com carinho e dedicação, tornando mais fácil percorrer, passo a passo, o caminho a ser trilhado.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar as manifestações acerca das questões de identidade de gênero e orientação sexual na obra **O menino de vestido**, de David Wallians, bem como analisar outros elementos correlatos também presentes na narrativa, que são e estão ligados diretamente ao tema central, tais como preconceito, amizade e abandono. Esta análise abordará, inicialmente, a importância da literatura para a sociedade, e qual influência esta teve sobre aquela, embasados nas reflexões de diferentes teóricos. Analisará também a estrutura, personagens, elementos textuais e extratextuais presentes, que atestam a relevância do tema para a literatura infantil e juvenil. Os resultados encontrados na análise revelam que a obra é válida e bem sucedida em sua tentativa de levar o leitor à reflexão e análise de seus próprios preconceitos, embora demonstre um certo grau de preconceito sobre o tema principal.

Palavras chave: identidade de gênero, literatura infantil e juvenil, **O menino de vestido**.

ABSTRACT

The present research work aims to analyze the manifestations about the issues of gender identity and sexual orientation in the work **The boy in a dress**, by David Wallians, as well as to analyze other related elements also present in the narrative, which are and are directly linked to the central theme, such as prejudice, friendship and abandonment. This analysis will initially address the importance of literature for society, and what influence it had on it, based on the reflections of different theorists. It will also analyze the structure, characters, textual and extratextual elements present, which attest to the relevance of the theme for children's and youth literature. The results found in the analysis reveal that the work is valid and successful in its attempt to lead the reader to the reflection and analysis of his own prejudices, although it demonstrates a certain degree of prejudice on the main theme.

Keywords: gender identity, children's and youth literature, **The boy in a dress**.

Sumário

1. Introdução	11
2. Fundamentação teórica	13
2.1 O papel da literatura na sociedade	13
3. Questões de gênero e literatura.....	26
3.1 A obra O menino de vestido	31
3.2 Enredo	33
4. A representação de gênero em O menino de vestido	41
4.1 Procedimentos narrativos e sentidos gerados.....	41
4.2 A obra e as questões de gênero na contemporaneidade	48
5. Considerações Finais	52
6. Referências	56

1. Introdução

Escrever sobre uma obra literária, independente do público alvo a que se dirige, é sempre uma tarefa desafiadora, e este desafio se dá principalmente pela natureza da literatura em si mesma e todo o leque de possibilidades que ela proporciona.

O primeiro fator que objetivamente nos instigou a trabalhar com a obra **O menino de vestido** foi justamente a representatividade da questão de identidade de gênero, por ser este um tema bastante controverso e delicado, haja visto que se trata de um assunto que envolve a identidade do indivíduo, sua aceitação social, além do que, a sexualidade é um tópico bastante presente no desenvolvimento dos adolescentes.

Cabe destacar que esse tema tornou-se bandeira ideológica, de alguns segmentos político-sociais, mesmo com os crescentes movimentos que lutam pela manutenção ou reconhecimento dos direitos constitucionais e sociais daquelas pessoas que se apresentam perante a sociedade com uma identidade de gênero diversa da sua identidade biológica. Observa-se que tais pessoas sofrem diuturnamente com discriminações e hostilidades, como se esta ou aquela predileção, tratando-se de gênero, tenha o poder de enaltecer ou desabonar a conduta de um cidadão.

Outro aspecto que nos motivou foi o binômio construção/desconstrução dos estereótipos que se formam a partir da provocação que o título dessa obra faz, e que este, por sua vez, pode ocultar a diversidade de questões que a narrativa trata, para além desta ou com as quais ela se relaciona.

Além disso, por se tratar de uma obra voltada ao público infanto-juvenil, e por tratar de um tema cada vez mais presente nos ambientes escolares, optamos por essa análise, sendo que também é observada a importância do referido tema na literatura, tornando essa uma ferramenta extremamente eficaz na educação cultural, na construção e formação de cidadãos que vejam seu semelhante, com toda a diversidade e pluralidade existentes, pelo que ele é e não pelas escolhas de vida que faz, conforme nos orienta Zinani:

A literatura tornou-se uma modalidade privilegiada de discutir e equacionar as questões de gênero. [...] Literatura e gênero, em se tratando de crianças, compõem uma díade muito significativa tanto para pais quanto para professores, uma vez que são os agentes primordiais da formação das crianças. Considerando que uma literatura infantil de qualidade deve dar voz à criança, a configuração das personagens e a modalidade utilizada pelo narrador (ou narradora) constituem-se elementos-chave para a produção de uma literatura que valorize igualmente personagens masculinas e femininas, afastando-se de estereótipos que reiteram a naturalização dos papéis sociais, que colocam o homem como dominador e a mulher como subalterna, valorizando aspectos positivos e possibilitando o rodízio das funções de poder. Desse modo a literatura, por meio de caráter lúdico, estará contribuindo para desconstruir preconceitos de gênero nas novas gerações. (ZINANI, 2015, p.13)

Proporcionar aos leitores, a real compreensão dos elementos que constituem um enredo e seus desdobramentos numa obra, foi outro motivo que nos levou a escolher este livro, visando com isso, apresentar mais do que os personagens e as interações entre eles, mas sim, todo o conjunto de situações e vivências, reais ou imaginárias, que são apresentadas no decorrer da estória, e suas conseqüências.

Além disso, uma série de quebra de convenções e de problemas sociais estão presentes no cotidiano e na vida da personagem principal, que busca, baseado e amparado por suas escolhas, uma maneira de fugir das tribulações que lhe cerceiam e oprimem.

Cabe ainda ressaltar que muitas das situações e problemas experimentados por esta personagem, são a dura realidade de inúmeros jovens, que buscam seu espaço na sociedade e que pouco recebem em termos de apoio para viverem suas vidas na plenitude que a natureza humana permite.

Ademais, a excelente receptividade ao tema, em atividades e trabalhos apresentados por mim em oportunidades passadas, durante a vida acadêmica, mostrou que este era um caminho difícil, porém gratificante, na busca pela aceitação e compreensão independentemente das escolhas que fazemos.

Considerando estas breves justificativas, a análise do livro se mostra necessária a partir do momento em que as narrativas, em sua totalidade ou em parte delas, extrapolam os limites das páginas e são observadas no dia a dia nos mais diversos segmentos da sociedade, com a presença das manifestações de gênero, na sua diversidade de ocorrências.

Dessa forma, o objetivo da presente pesquisa é analisar as manifestações de identidade de gênero na referida obra, assim como observar outras manifestações interligadas às questões de gênero, verificando como são abordadas, retratadas e expostas.

O trabalho encontra-se organizado em 5 capítulos, divididos da seguinte maneira: no primeiro capítulo apresentamos uma breve introdução, expondo as motivações pela escolha do tema; no segundo capítulo apresentamos a fundamentação teórica, oriunda da revisão bibliográfica, embasada nos ensinamentos dos teóricos que nos orientaram na busca pelo posicionamento das manifestações literárias e suas respectivas contribuições para o desenvolvimento da sociedade; ainda neste capítulo, buscamos apresentar as especificidades da literatura infantil e juvenil; no terceiro capítulo trouxemos as manifestações de identidade de gênero presentes na literatura infantil e juvenil, bem como a categorização do termo dentro desse gênero textual; nos subitens 3.1 e 3.2 apresentamos um breve histórico sobre o autor, suas publicações e sobre a obra aqui estudada, bem como apresentamos o enredo, personagens e suas relações presentes no livro. No quarto capítulo abordamos as questões de gênero na obra estudada e analisada, bem como os procedimentos narrativos e sentidos gerados. Por fim, apresentamos nossas considerações finais no capítulo de encerramento.

2. Fundamentação teórica

2.1 O papel da literatura na sociedade

Qual a relação da literatura com a sociedade? Começamos essa reflexão teórica a partir da relação existente entre literatura e sociedade, entretanto, acreditamos que seria mais pertinente se esse questionamento fosse elaborado de forma que os termos em questão, literatura e sociedade, viessem dispostos de maneira inversa, como segue: Qual a relação da sociedade com a literatura?

Antes de mais nada, se faz necessário conceituarmos, mesmo que de maneira superficial, e até mesmo pouco abrangente, o termo "sociedade", que entendemos poder ser definido resumidamente como um grupo de indivíduos que compartilham um modo de vida, baseado em aspectos coletivos, tais como linguagem, tradições, princípios legais, morais, territoriais e religiosos. A

sociologia, ciência que estuda a vida social humana, suas dinâmicas como um todo e dos grupos singulares que a compõem, define sociedade como sendo a convivência e atividade conjunta do homem, ordenada ou organizada conscientemente. Muitos sociólogos como Max Weber, Émile Durkheim e Karl Marx, distintamente, formulam seus próprios conceitos de sociedade, porém, para esta reflexão teórica, acreditamos que o conceito sociológico mais abrangente se torna suficiente.

Nós consideramos também que, a sociedade é o reflexo de seu conhecimento empírico acumulado em seu próprio desenvolvimento enquanto agrupamento de indivíduos. Nosso conceito superficial de e sobre sociedade nos dá um norte para que possamos visualizar a direção que nosso pensamento deve seguir, porém, ainda se mostra vago, pois precisamos alicerçar nosso conceito nos elementos que fizeram a sociedade evoluir. Vários elementos ajudaram a moldar a sociedade moderna que conhecemos, que remontam desde os primórdios, com as primeiras manifestações tribais e rupestres, até a atualidade, com toda a gama de recursos humanos, tecnológicos, comerciais e industriais que atualmente testemunhamos.

Acreditamos que um dos principais elementos que contribuíram e continuam contribuindo para o crescimento da sociedade, é a literatura, pois o conhecimento avançado, independentemente da área, que se tem hoje, indiscutivelmente é embasado nos conhecimentos conquistados, assimilados e transmitidos outrora, nos quais se inclui a produção literária através dos tempos. Esse conhecimento não moldou somente a sociedade como um sinônimo de organização social, mas também as relações humanas de e em cada grupo social.

Mas este crescimento, apoiado também nos conhecimentos literários, se deu porque a sociedade, de certa forma, inspirou-se na literatura ou a literatura, por suas representações, foi um reflexo da sociedade, e esse processo recorrente nos empurrou para um estágio mais avançado?

Essa representação/reverberação do real na literatura, ou como cita Compagnon (2010), "*mimesis*", é por vezes tida como uma atribuição precípua da literatura, e mostra-se usual nos debates e ponderações literárias, que buscam esclarecer se esta, mais do que um arremedo da realidade, é capaz de caracterizar uma corrente em direção ao desenvolvimento. A "*mimesis*", neste

caso, abordada e discutida pelo autor, é vista como uma alternativa que foge do diálogo corrente, trazendo à tona uma autonomia da literatura em relação à realidade (AUERBACH *apud* COMPAGNON, 2010, p.95).

Para Compagnon, deve-se evitar o debate restrito e polarizado sobre a relação entre realidade e literatura, onde se tem apenas duas alternativas, como vemos:

[...]ou a literatura fala do mundo, ou a literatura fala da literatura, e voltar ao regime do mais ou menos, da ponderação, do aproximadamente: o fato de a literatura falar da literatura não impede que ela fale também do mundo. Afinal de contas, se o ser humano desenvolveu suas faculdades de linguagem, é para tratar de coisas que não são da ordem da linguagem. (COMPAGNON, 2010, p.123)

Portanto percebemos que essas afirmações de Compagnon vão ao encontro de ambos os questionamentos por nós aqui levantados, ou seja, não somente a sociedade inspirou-se e, podemos dizer, imitou a literatura, mas também o contrário aconteceu, pois ainda nas palavras do autor, ao citar Platão, podemos verificar que:

Desde a infância, os homens têm, inscrita em sua natureza, [...] uma tendência à *mimēsthay* (imitar ou representar) – e o homem se distingue dos outros animais porque é naturalmente inclinado à *mimēsthay* (imitar ou representar) e recorre à *mimesis* em seus primeiros aprendizados (PLATÃO *apud* COMPAGNON, 2010, p.124)

Já para Sartre (2004), o homem em sociedade não é definido pelo meio e nem está acima dele, mas sim, é o reflexo e a consciência do meio que o cerca, restando individualizada a percepção que cada indivíduo tem do mundo, pois, para o autor, cada pessoa tem seus valores, sua história, ou seja, cada sujeito tem e vive sua própria circunstância.

E cada indivíduo, devido as suas vivências e condições particulares, se enxerga ou enxerga sua realidade nas palavras do escritor, pois este mesmo escritor, apesar de não ser "dono" das palavras, vale-se delas para expressar a visão que tem dele mesmo, dos outros e do mundo, para, dessa forma, manifestar sua vontade de mudar o que está a sua volta. Segundo Sartre:

“...ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; atinjo-a em pleno coração, transpasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir. [...] É legítimo, pois, propor-lhe esta segunda questão: que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento? O escritor “engajado” sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar.” (SARTRE, 2004, p. 20)

Porém, muito mais do que manifestar sua posição ou se engajar por esta ou aquela causa, o ato de escrever visa a mudança no homem, pois ao se "encontrar" nas linhas do escritor, o homem vê sua realidade exposta, sem poder omiti-la dos demais, de forma que a ele resta manter-se nessa posição/situação exposta ou afastar-se dela, conforme explica Sartre:

“...podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. E uma vez engajado no universo da linguagem, não pode nunca mais fingir que não sabe falar; quem entra no universo dos significados, não consegue mais sair...” (SARTRE, 2004, p. 21)

O conceito sartreano de literatura engajada nos propõe que, ao invés da literatura expressar e/ou sustentar uma ideologia de natureza político-social, têm-se, em tese, uma variedade maior de questões sociais retratando o homem e suas situações para outros homens, também imersos em suas respectivas situações, permitindo, dessa forma, a livre manifestação do autor e o direito do leitor, que através da leitura, dá sua própria relevância a este ou aquele tema.

Entendemos, e inclusive acompanhamos esse raciocínio sartreano, de que existe um compromisso implícito entre leitor e escritor, uma necessidade recíproca um do outro, sendo que por meio do leitor os escritos ganham sentido e vida, e, em contrapartida, este mesmo leitor empresta à obra seus sentimentos durante a leitura. É exatamente neste ponto que converge o conceito da individualidade de percepção e compreensão de cada indivíduo, pois, de acordo com o autor:

Cada uma de nossas percepções é acompanhada da consciência de que a realidade humana é "desvendante"; isto quer dizer que através dela "há" o ser, ou ainda que o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam (SARTRE, 2004, p.33)

Sartre defende ainda que a literatura só será completa em seu objetivo se estiver inserida em uma sociedade sem classes, pois assim haveria o respeito ao direito de liberdade de expressão do autor e de leitura do leitor.

Deste modo, entendemos que Sartre desmistifica a literatura, convertendo-a em um compromisso cuja principal característica é ser um produto da linguagem humana, e dessa forma, a literatura não pode ser um privilégio apenas desta ou daquela camada abastada e privilegiada da sociedade, mas sim, algo acessível a todos, indistintamente, como uma ferramenta democrática de inclusão e nivelamento cultural, e por consequência, social.

Cabe aqui salientar que as ideias e conceitos defendidos por Sartre, e citados nesta pesquisa, são baseados na visão que o autor tinha de uma sociedade que tentava se reerguer das ruínas provocadas pela violência da guerra¹ e das profundas marcas que os movimentos nazifascistas deixaram em território europeu. E que esta mesma sociedade buscava encontrar novos valores éticos para se apoiar, haja visto que tudo aquilo em que acreditavam havia fracassado ante a brutalidade moral e física que se projetou por todo o continente.

A formatação do conceito estético que representa a interação entre o "eu" e o "outro" e a noção de que essa relação resta impossível sem a presença, física ou conceitual, do outro, já era descrita pelo filósofo Mikhail Bakhtin (*apud* Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGE, 2009) conforme explicado abaixo:

[...] Bakhtin afirma que "é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições", o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões, dizeres. A Alteridade é fundamento da identidade. Relação é a palavra-chave na proposta de Bakhtin. Eu apenas existo a partir do Outro. (GEGE, 2009, p.13-14)

Para Bakhtin, os valores de uma dada sociedade, comunidade ou grupo social, em qualquer das esferas da atividade humana, não são inventados, nem produtos de concepções abstratas. Surgem dos diversos tipos de relações sociais estabelecidas entre os sujeitos no mundo da vida, constituindo-se em matéria prima para a construção dos valores que organizam os sistemas complexos do chamado mundo da cultura, nas esferas científicas, políticas, da arte entre outras.

Nesta mesma esteira, de que literatura e sociedade de fato convivem oscilando no binômio autonomia/atução, mas que a interação recíproca destes princípios não é uma unanimidade, temos Antônio Candido, que ao estudar e escrever sobre as relações entre literatura e sociedade, nos diz:

¹ A obra "Que é a Literatura", de Jean Paul Sartre, referenciada nesta pesquisa, foi originalmente escrita em 1947, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Do século passado aos nossos dias, este gênero de estudos tem permanecido insatisfatório, ou ao menos incompleto, devido à falta de um sistema coerente de referência, isto é, um conjunto de formulações e conceitos que permitam limitar objetivamente o campo da análise e escapar[...] ao arbítrio dos pontos de vista. Não espanta, pois, que a aplicação das ciências sociais ao estudo da arte tenha tido consequências frequentemente duvidosas, propiciando relações difíceis[...] (CANDIDO, 2006, p.26)

Para Candido, porém, é impossível que apenas poucos instrumentos sociológicos e até mesmo psicológicos, possam explicar a totalidade do fenômeno artístico-literário, gerando, portanto, mais indagações do que respostas. E dentre as indagações, duas se fazem bastante relevantes para embasar nossa reflexão, que são:

- Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?
- Qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?

Para responder a primeira pergunta, nos ensinamentos de Candido, entendemos que os fatores socioculturais influenciam diretamente no desenvolvimento de uma obra artístico-literária, pois o artista assim o faz impulsionado pela necessidade e pelos padrões de sua época, direcionando sua escrita para temas pontuais em seu meio social, adequando sua produção às formas comuns de expressão e, portanto, de melhor entendimento, para que sua obra possa agir sobre o meio. (CANDIDO, 2006, p. 28-31)

Já a segunda pergunta pode ser respondida, conforme Candido, considerando-se a arte como uma ferramenta influenciadora de valores exteriorizados sob as mais diversas denominações, tais como gosto, moda, etc.... que por sua vez manifestam os anseios sociais e que estes, normalmente passam a fazer parte do cotidiano deste ou daquele público diretamente "sugestionado" pela arte. (CANDIDO, 2006, p.45)

Ou seja, na visão de Candido, existe uma reciprocidade de elementos e valores no binômio realidade/literatura. Assim como o escritor tem seus princípios e valores, e faz uso deles ao escrever, baseados na sua realidade e nos modelos referenciais de seu tempo, a sociedade de certa forma absorve parte daquilo que é mostrado na obra literária, e manifesta isso sob a forma de novas tendências de comportamento, individual e/ou coletivo. Por considerarmos o conceito literatura como um termo limitante dentro da perspectiva tradicional, pois pode induzir a deduções equivocadas, fazendo crer que tratamos somente

da escrita tida como cânone ou erudita, tomaremos uma declaração de Antonio Candido, que trata o conceito de forma mais abrangente, conforme segue:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela[...] (CANDIDO, 1977, p. 176)

Assim, o fato de pensarmos e tratarmos o conceito de forma mais ampla, torna menos complexa a tarefa de demonstrar que tanto a sociedade influenciou direta e indiretamente as produções literárias, quanto as produções literárias exerceram influência sobre a forma como a sociedade se apresentava e comportava.

Além disso, conforme a linha de pensamento de Candido:

[...]as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa que nos toca porque obedece certa ordem. [...] o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido a coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos[...] (CANDIDO, 1977, p.180)

A literatura atua como fator indispensável de humanização, confirmando o homem, enquanto ser racional, na sua humanidade, principalmente pelo fato de atuar muito mais ativamente no subconsciente e inconsciente, retirando o homem de sua realidade, fazendo-o mergulhar no universo da fabulação. O termo "humanização", utilizado pelo autor, refere-se ao processo que confirma no homem, os traços que julgamos fundamentais, tais como a capacidade da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com seus semelhantes, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres. O convívio frequente com a literatura, desenvolve em nós, a parte de humanidade, na medida que nos torna mais flexíveis e acessíveis para a natureza, a sociedade e nossos semelhantes.

Portanto, se adotarmos a linha de pensamento de Antonio Candido, podemos considerar que a literatura, muito mais do que manifestação estética, cultural e artística, é uma necessidade universal (Candido,1977, p.188), pois pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza e nos liberta do caos, e sem isso, estaríamos mutilando nossa humanidade. A

literatura, para Candido, (re)organiza nossa percepção da vida, da sociedade, do outro e do mundo, e com isso nos tornamos mais sensíveis e receptivos às infinitas manifestações da natureza humana, enxergando-as de maneira mais ampla, diversificada. Muitos encontrarão sua voz nas palavras do autor e se identificarão até mesmo com a própria personagem, ou não, pois a literatura proporciona a cada um, uma interpretação individualizada, baseada em suas experiências e vivências.

2.2 A literatura infantil e juvenil: especificidades

Antes de adentrarmos no universo de indagações que permeiam as especificidades da literatura infantil e juvenil se faz necessário o entendimento sobre o que é ou o que pode ser definido como literatura infantil e juvenil, porém para isso é preciso que busquemos o contexto histórico que retrata o nascimento/amadurecimento deste como um gênero literário, apesar do preconceito estético sofrido pelo mesmo, enquanto buscava se inserir no universo literário, predominantemente voltado ao adulto.

No século XVIII, com as mudanças estruturais sofridas pela sociedade, como por exemplo a ascensão da família burguesa, a reorganização da escola, o declínio do sistema de linhagens, típico do feudalismo, e a reestruturação da família, que prezava pela privacidade e pelos laços afetivos entre pais e filhos, alguns gêneros literários começaram a perder espaço enquanto outros ganhavam destaque, como o romance, pois estes retratavam situações cotidianas da burguesia. Soma-se a isso o fato de que as produções literárias passaram a ser produzidas de forma industrializada, estimulando o consumo em detrimento do conteúdo, pois percebia-se a presença dos rótulos e estereótipos, veiculando temas pouco elaborados e uma pretensa modelagem comportamental, valendo-se de métodos de criação já saturados.

Neste cenário, a criança começa a ganhar espaço na sociedade e na família, deixando gradativamente de ser vista apenas como mão de obra de baixo custo. A implementação e reformulação de novos conceitos e procedimentos no ambiente escolar, que se distanciam do modelo de educação religiosa severa, são inovações que acompanham esse novo “*status*” que a criança e o jovem passam gradativamente a receber no meio social.

O modelo de família e sociedade até então vigente não vislumbrava a separação entre crianças e adultos, permitindo que os acontecimentos fossem

presenciados por todos indistintamente, conforme descreve Zilberman (2003) ao citar Richter:

Na sociedade antiga não havia a “infância”; nenhum espaço separado do “mundo adulto”. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns[...]. (Richter *apud* Zilberman, 2003, p.5)

Apesar de participarem ativamente da vida e da rotina dos adultos, as crianças e jovens não podiam participar dos processos de tomada de decisão, e inclusive, na maioria dos casos, não recebiam sequer algum tipo de tratamento diferenciado pela sua natureza infante e pueril, segundo nos mostra Stone *apud* Zilberman (2003, p.06) "As crianças eram frequentemente negligenciadas, tratadas brutalmente e até mortas; [...] o afeto era baixo e difícil de ser encontrado".

Essa nova modelagem familiar, que pretendia alcançar a unanimidade enquanto unidade social, através de suas peculiaridades, tais como o destaque que passava a ser dado aos laços de afeto, a proeminente valorização da figura da mãe, a privacidade, que por sua vez afastava a interferência da criadagem, bem como dos familiares fora daquele núcleo, na formação das crianças, não evitava a continuidade da divisão social, segundo esclarece Zilberman:

O êxito no processo de privatização da família, maior na camada burguesa, menor entre os operários, gerou uma lacuna referente a socialização da criança. Se a configuração da família burguesa leva à valorização dos filhos e à diferenciação da infância enquanto faixa etária e estrato social, há concomitantemente, e por causa disto, um isolamento da criança, separando-a do mundo adulto e da realidade exterior. (ZILBERMAN, 2003, p.09)

Por sua vez, devido a esse isolamento, a escola adquire uma nova relevância, servindo de ponte entre as crianças e o mundo, resgatando dessa forma, a harmonia perdida. Além disso, a escola, devido ao avanço da pedagogia e dos métodos modernos de ensino, desenvolveu meios de inserir a criança, gradativamente no mundo, através da implementação e separação de classes por faixa etária, com ensino encadeado e progressivo.

Neste novo horizonte, a literatura infantil começa a ganhar espaço, muito mais devido ao seu caráter, inicialmente pedagógico, do que literário propriamente dito. A justificativa para o crescimento do gênero literário voltado exclusivamente às crianças dá-se principalmente pelo fato de tomar como

suporte, a vivência que estas têm, seu mundo interior e sua visão de mundo exterior, que em conjunto podem ser caracterizados como um “espaço vazio”, segundo relata a autora:

[...] o “espaço vazio” não é vazio, porque as crianças não viveram, mas porque não podem ordenar as vivências. Assim se a criança [...] se vê privada ainda de um meio interior para a experimentação do mundo, ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. É este lugar que a literatura infantil preenche de modo particular, porque [...] ela lida com dois elementos que são especialmente adequados para a conquista dessa compreensão do real.

- com uma história, que apresenta, de maneira sistemática, as relações presentes na realidade, que a criança não pode perceber por conta própria; [...]

- com a linguagem, que é o mediador entre a criança e o mundo. (PEUKERT *apud* ZILBERMAN, 2003. p. 13).

Alguns fatores tornam a literatura infantil tão importante para ajudar a preencher este “espaço vazio” e contribuir para o desenvolvimento moral, intelectual, cultural, linguístico e cognitivo das crianças, pois, primeiramente, tem-se o fator de que as estórias infantis e juvenis não seguem um único e limitado tema, nem apresentam uma forma preestabelecida, podem e normalmente são visualmente enriquecidas com figuras e ilustrações, o que nos leva a uma variedade de apresentações e personagens que extrapolam os limites da racionalidade adulta, permitindo ao jovem leitor, mergulhar no universo do fantástico e da fantasia, num ambiente onde diálogos entre animais acontecem com a mesma naturalidade que um diálogo entre duas pessoas, ou ainda, que uma jovem possa se aventurar sozinha, embrenhando-se na floresta sob os olhares famintos de um lobo, apenas para levar doces para sua amada avó. Esta viagem ao mundo da fantasia, que é proporcionada pelas obras voltadas ao público infantil é, como já citado, um aspecto importante para que a criança possa compreender o mundo, dentro de suas limitações pueris, conforme explica Zilberman:

Por esta mesma razão, os contos de fadas revelaram-se bastante adequados ao novo público emergente. Em primeiro lugar porque não se pode escamotear a circunstância de que a fantasia é um importante subsídio para a compreensão do mundo por parte da criança; ela ocupa lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real; e ajuda-o a ordenar suas novas experiências, frequentemente fornecidas pelos próprios livros. (ZILBERMAN, 2003, p.16)

Porém enumerar as vantagens da literatura infantil nos processos de formação intelecto-cultural de crianças não basta para conceituarmos de fato o que é literatura infantil, e para tentarmos corroborar esta afirmação,

primeiramente precisamos delimitar nosso escopo buscando responder os questionamentos a seguir: Literatura infantil é somente aquilo que é ou foi escrito exclusivamente para crianças ou qualquer obra, ao ser lida e entendida por uma criança, pode ser considerada literatura infantil? Qual é o limite, a fronteira que separa literatura para adultos e literatura infantil e juvenil?

Durante o processo de pesquisa de referenciais teóricos para esta reflexão, verificou-se que essa discussão acerca de uma eventual "separação" e classificação buscando limitar e determinar o que é literatura infantil e juvenil e literatura voltada aos adultos é farta e contestada por vários escritores e pesquisadores, que condenam essa separação, os quais sustentam que existe apenas uma literatura, e dessa forma "uma" não poderia ser separada da "outra". Já outros pesquisadores, como Hunt (2010), Abreu (2000, 2001, 2006), entre outros, não se opõem a essa posição e afirmam que a literatura infantil e juvenil tem características específicas, sem que isso a torne menor ou pior do que a literatura para adultos. Para isso teríamos que, além de definir literatura, definir também literatura infantil e juvenil.

Essa argumentação se desdobra em duas situações complexas, sendo que a primeira seria a difícil delimitação de infância e do que vem a ser uma criança, o que por sua vez são conceitos extremamente abrangentes, com incontáveis dimensões e variáveis, e que não são constantes, afinal o que se entendia por infância/criança há duas ou três décadas atrás, não é o que se entende nos dias atuais.

Portanto, a definição de infância muda, mesmo no âmbito de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias do passado. [...] Em suma, a infância não é hoje (se é que alguma vez foi), um conceito estável. (HUNT, 2010, p. 94)

A segunda situação demonstra que essa definição, de literatura infantil e juvenil, seria ampla, visto que qualquer texto lido por uma criança se enquadraria na tipologia literária em questão. Hunt (2010) afirma que uma definição específica para literatura infantil e juvenil, ficaria bastante profusa pois:

Definimos literatura infantil seguindo nossos propósitos – o que, no fim das contas, é o princípio das definições: dividir o mundo segundo nossas necessidades. A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças. Entretanto, tal definição [...] não é muito prática, já que obviamente inclui todo texto lido por uma criança, assim definida (HUNT, 2010, p.96).

Por isso, para ratificar sua posição o autor afirma que

"uma parte da definição implica estudar se um determinado texto foi expressamente escrito para crianças (reconhecidas como crianças), com uma infância legitimada hoje" (HUNT, 2010, p.97).

É preciso observar que alguns elementos presentes nas obras infantis os caracterizam explicitamente como obras voltadas e focadas no universo infante. A presença de gravuras e ilustrações, a distribuição do texto nas páginas, o tipo de fonte usada na escrita, o tipo de narrador, etc...

Inclusive é possível fazermos uma analogia da escolha do tipo de narrador com outro segmento voltado ao público infantil, que são as animações e desenhos animados, pois, em alguns casos, a trajetória dos personagens e a própria história, é contada por um elemento que não faz parte diretamente da mesma. Esse fator quando presente numa obra literária infantil, pode, de certa forma, remeter a criança/leitor a um universo com o qual já está familiarizado, que são os desenhos e animações, pois muito provavelmente é este o modelo apresentado inicialmente à criança não alfabetizada.

Porém cabe salientar que uma coisa não exclui a outra. As vivências e emoções proporcionadas por ambos os tipos de obras infantis são diferentes, pois, enquanto uma se dá pelo apelo visual e sonoro, com muitas cores e trilha sonora para cada situação, com desenvolvimento contínuo, sem a necessidade do exercício de compreensão e interpretação, a outra desenvolve uma relação de intimidade com a criança, desenvolvendo novas competências, pois, naquele momento, estão somente o leitor e o livro.

Sabemos que são inúmeras as vantagens das práticas de leitura no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos, que vão desde o enriquecimento do vocabulário, desenvolvimento da criatividade e imaginação, melhora significativa no raciocínio, desenvolvimento de senso crítico e da capacidade de interpretação.

Acreditamos que a principal porta de entrada para o universo literário e para a aquisição das boas práticas de leitura se dá pela literatura voltada ao público infantil e infante juvenil. Inicialmente e muito provavelmente o primeiro contato com as obras literárias seja através das fábulas e contos de fada, lidos ou contados, que por sua estrutura, conteúdo e apresentação, aguçam a imaginação e a fantasia nos jovens leitores ou ouvintes, transportando-os para

a narrativa, como uma personagem coadjuvante que interage e participa, a seu modo, com o que é lido ou do que lhes é contado.

Porém, durante os processos de desenvolvimento e amadurecimento da criança, a literatura fantástica, cheia de misticismos, princesas e cavaleiros, heróis e vilões vai perdendo espaço para novos títulos e temas, que, muito mais por convenção comercial do que literária, são catalogados para o público infantil e juvenil. Este "enquadramento" de títulos e obras numa determinada categoria literária, é questionado de maneira muito efetiva por Anne-Marrie Chartier em seu texto *Que leitores queremos formar com a literatura infanto-juvenil?* (2008), com questionamentos extremamente válidos e atuais no que dizem respeito às linhas imaginárias que definem e separam o que é literatura infantil/infanto-juvenil e literatura para adultos, ao público alvo da literatura infantil e juvenil e a classificação da literatura infantil e juvenil como introdutória ao mundo literário adulto.

Dentro de sua linha de raciocínio, um dos questionamentos mais importantes é: *Como [...] determinar o que entra ou não na categoria de literatura infanto-juvenil?* (CHARTIER, 2008, p.132 *apud* SILVA, 2014). Partindo dessa indagação, a autora argumenta que essa definição, além de editorial, é também comercial, e que não se pode categorizar esta ou aquela obra literária dentro de aspectos e características específicas de um grupo de leitores, visto que essa literatura pode, e muito provavelmente irá, alcançar um público mais extenso.

Para embasar seus argumentos, a autora usa como exemplo as histórias em quadrinhos que, originalmente tinham como público alvo as crianças e jovens, mas que acabaram sendo consumidas por uma parcela muito maior da população, que não era formada somente por crianças e jovens.

[...] quando se define a literatura infanto-juvenil observando quem lê o que, descobre-se que livros feitos para a infância e a juventude não são de forma alguma, reservados a elas e, inversamente, que livros feitos para adultos são frequentemente lidos pelas crianças e jovens (CHARTIER, 2008, p.132 *apud* SILVA, 2014)

A autora argumenta ainda que é comum a literatura infantil e juvenil ser vista apenas e erroneamente como uma preparação/introdução ao universo literário adulto:

[...]se assim fosse, ela seria passível de ser deixada de lado depois de alcançar sua sublime missão, o que não acontece[...]. Nesse sentido, quem vê a literatura infantil apenas como uma forma de atração para a leitura, considera-a apenas como função de guiar a criança e depois o jovem a um processo de leitura cada vez mais autônomo. Sendo assim, o objetivo [...], não é mais a entrada da criança e do jovem na leitura literária, mas, sim a um processo individual, levando-os a ler o que quiser[...] (CHARTIER, 2008, p. 132 *apud* SILVA, 2014, p. 53).

Conforme analisamos, não existe um conceito único do que é literatura infantil, haja visto que existem opiniões divergentes a esse respeito. E a definição desse conceito, conforme cada teórico citado, apresenta inúmeras variáveis, pois, enquanto um pode considerar literatura infantil como todo aquele texto que é lido por uma criança, outro pode entender por literatura infantil aqueles textos escritos exclusivamente para crianças, mas que de alguma forma não fica restrito somente a esse público consumidor, ou seja, a estrutura e modelagem da obra não restringe e nem exclui este ou aquele leitor, se é efetivamente uma criança, um adolescente ou um adulto, dentre outros aspectos que, conforme cada estudioso, enquadra ou não no gênero em questão.

3. Questões de gênero e literatura

Antes de qualquer abordagem, é preciso que tenhamos em mente que o tema central da obra estudada e aqui abordado, no caso mais específico, o termo "gênero", carece de uma definição específica, sendo superficialmente tratado nos dicionários de língua portuguesa como "conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas tem em comum". A esta definição se seguem outras, como, por exemplo para biologia, para gramática e ainda para literatura. Para a biologia, o termo gênero faz referência à categoria taxonômica que corresponde ao conjunto de espécies com características morfológicas e funcionais muito semelhantes e antecessores comuns. Este termo é usado na classificação sistemática das espécies. Para a gramática, segundo Ferreira (1986), gênero é a categoria que indica, por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas. Já para a literatura, gênero pode ser definido como um conjunto de obras que apresentam características análogas de forma e conteúdo.

Porém aqui tratamos do termo no sentido de identidade de gênero, sem que isso afete ou seja um reflexo da orientação sexual da personagem

principal, e para que possamos abordar o gênero da forma como se apresenta na obra, buscamos embasar nossos passos iniciais nessa pesquisa, em autores que de uma forma ou de outra conseguiram, cada um seguindo sua linha de pensamento e raciocínio, abordar o termo dentro dos aspectos presentes no livro. Para isso, iniciamos nossa análise conforme as orientações de Rosa Maria Oliveira:

O estudo de gênero e sua compreensão surgem pela forma como a cultura expressa as diferenças entre homens e mulheres e de que modo a caracterização das diferenças inerentes ou aprendidas entre os sexos pode servir como ponto auxiliar para a compreensão da exclusão das pessoas que vivem a experiência homoerótica como entes capazes de direitos e obrigações." (OLIVEIRA, 2009, p.161)

Observamos que existe culturalmente uma dicotomia, que por sua vez define papéis de forma muito clara na sociedade, e que todo aquele que não se enquadra nos padrões socialmente aceitos, está fadado a exclusão, ao sofrimento e a marginalidade. Dessa forma vemos o quão difícil se torna trabalhar e abordar as questões de gênero, seja numa simples roda de conversa, em família ou ainda no ambiente escolar, sendo este último, credor de uma atenção maior, haja visto seu público principal, crianças e adolescentes. É, nos dias atuais, praticamente impossível pensarmos a escola moderna, independentemente de ser pública ou privada, sem sequer uma manifestação de diversidade ou identidade de gênero entre seus discentes. Dessa forma é imprescindível saber lidar com toda e qualquer manifestação, seja ela contrária ou favorável a livre expressão de cada indivíduo, sob pena de formarmos cidadãos intolerantes, ou ainda sob pena de tacharmos o ambiente escolar como um local de fomento e incentivo a diversidade sexual, o que não é visto com bons olhos pela grande maioria dos pais. É necessário e primordial que exista o equilíbrio

Além do mais, uma manifestação de gênero ou identidade sexual nem sempre implica numa orientação diferente da natureza sexual deste ou daquele aluno/a.

Nesta mesma linha de raciocínio escreve Guacira L. Louro:

A não-nitidez e a ambiguidade das identidades podem mesmo ser, às vezes, a posição desejada e assumida – tal como fazem, por exemplo, muitos jovens homens e mulheres ao inscrever em seus corpos, propositalmente, signos que embaralham possíveis definições de masculinidade e feminilidade. Os corpos, como bem sabemos, estão longe de ser uma evidência segura das identidades. [...] Se a instabilidade é perturbadora, mais ainda nos parecerá a existência daqueles sujeitos que ousam assumi-la abertamente, ao escolherem a mobilidade e a posição de trânsito como seu "lugar". [...] Para o campo educacional, a afirmação desses grupos é profundamente perturbadora. Não dispomos de referência ou de tradições para lidar com os desafios aí implicados. Não podemos mais simplesmente encaminhá-los para os serviços de orientação psicológica para que sejam corrigidos, nem podemos aplicar-lhes um sermão para que sejam reconduzidos ao bom caminho. Mas certamente é impossível continuar ignorando-os (LOURO, 2003, p.49-50).

Para Butler (2010, p.25) "O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...], tem de designar também o aparato mesmo de produção, mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos." As manifestações de gênero seriam então uma forma de perturbação e desequilíbrio de uma ordem culturalmente preestabelecida, que por sua vez gira em torno do binômio homem x mulher, masculino x feminino.

Observa-se que esta perturbação na linha invisível do que seria considerado um ambiente equilibrado, decorre da constante mutação das manifestações de identidade, e que o gênero, não necessariamente, estabelece a identidade do homem. Segundo Louro (2003),

[...] ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o." (LOURO, 2003, p. 25 – grifos da autora).

Portanto a terminologia gênero vai muito além do que uma simples categorização, pois, engloba em si uma vasta gama de classificações, ambientes, situações e condições, principalmente quando trazemos o termo para as obras infantis e juvenis.

Para Paiva *apud* Silva (2014), é importante salientar que, além dos questionamentos acerca das classificações e funções didáticas e estéticas das obras infanto-juvenis, a temática envolvida no desenvolvimento destas é de relevante importância ético-pedagógica para o desenvolvimento intelectual e social dos leitores.

Paiva considera que a literatura infantil e juvenil é dividida em três eixos, que são:

- I. os contos de fadas, as fábulas e historinhas de animais;
- II. os temas transversais, onde estão incluídos assuntos como ecologia, inclusão social, meio ambiente, etc....;
- III. E por último o que a autora chama de "temas delicados", que incluem e tratam das experiências do cotidiano, os acontecimentos do dia a dia do homem em sociedade, como a morte, o medo, o abandono, etc....;

Diante desta divisão, Paiva analisou o Projeto Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) - 2008 e constatou que apenas 3% dos títulos ofertados estão dentro das temáticas do terceiro eixo. Neste, chamado pela autora de " a realidade como aposta", existe a contraposição de questões essenciais da vivência humana, que atingem crianças e adultos quase que com a mesma intensidade. (PAIVA *apud* SILVA, 2014, p.55).

Para a autora, o fato desses tipos de tema, tais como os dilemas da existência humana e as dificuldades das relações sociais, não serem discutidos nos eixos anteriores, mesmo que de forma mais amena, nos permitem dizer que a escola:

[...] presta um desserviço à criança, porque simplifica seus conflitos e subestima sua capacidade de lidar com a realidade e com a literatura a ela destinada porque impulsiona o mercado editorial na direção contrária aos seus anseios e legitimidade no campo da literatura; contribui para aumentar a distância que a separa da literatura enquanto processo estético, que tem como característica fundamental o investimento na perplexidade do ser humano frente à vida (PAIVA *apud* SILVA, 2014, p.56)

Ressalto que consideramos categorizar o tema "gênero e diversidade" no terceiro eixo, pois acreditamos que essas questões estão além dos temas transversais, tratados e abordados no segundo eixo, conforme separou a autora, pelo fato de que são temas que requerem uma maior atenção e sutileza no trato e na abordagem, pois impactam direta ou indiretamente os aspectos psicológicos e emocionais de cada pessoa envolvida.

Podemos observar ainda que, mesmo os textos escolares, trazem uma divisão, que coloca homens e mulheres em patamares sociais diferentes, acentuando as desigualdades. Dessa forma, as considerações de Sastre et al. (1999) nos auxiliam ao indicar que,

[...] a força do costume faz com que se aceite com naturalidade que os textos escolares situem os homens e os meninos em um status social superior ao das mulheres e das meninas; faz com que os meninos sejam representados realizando realidades socialmente valorizadas enquanto se relegam às meninas atividades consideradas de segunda ordem. Também a força do costume faz com que os rapazes sejam estimulados a se identificar com modelos de comportamento agressivo que dificultam sua entrada no mundo das relações interpessoais e dos vínculos afetivos; isso acaba condenando-os a resolver os problemas por caminhos violentos. Existe, portanto, uma importante discriminação por razões de gênero. (SASTRE et al., 1999, p. 19).

O cuidado na abordagem do assunto gênero, principalmente ao tratarmos com crianças e jovens, se deve ao fato de que existe de forma bastante acentuada uma heteronormatividade que reprime as expressões diversas ao que conhecemos como normalidade sexual, ou seja, um casal legítimo, homem e mulher. Essa forma de repressão comportamental não atinge somente os adultos que por coragem de enfrentar o sistema heteronormativo, tornam pública sua orientação sexual, mas também vem sendo incentivada e implementada por alguns professores que, desde os primeiros anos escolares, chamam para si a responsabilidade, juntamente com a família, do controle das manifestações da sexualidade, conforme podemos observar:

Meninos de pré-escola que apresentam comportamento feminino, ou que só gostam de brincar com as meninas, devem ser incentivados de maneira gentil, mas firme a participar das atividades tipicamente masculinas. Os meninos que apresentam trejeitos femininos muito acentuados, além das atitudes tomadas pela escola, devem ser encaminhados para tratamento psicológico. (SUPLICY apud DAROS, P.06,2013)

A escola, que, em tese, deveria ser um ambiente de formação de cidadãos conscientes e aptos à desconstrução de preconceitos e estereótipos, acaba se tornando um espaço de negação e repressão, que por sua vez acaba migrando para outros círculos e espaços, como por exemplo, as redes sociais.

Com a popularização desta nova forma de conexão e relacionamento interpessoal, o que deveria servir de ferramenta no combate a repressão das diversidades raciais e, em nosso caso específico de pesquisa, sexuais, tornou-se campo fértil para manifestações hostis, racistas e homofóbicas de toda a espécie, aproveitando-se do pseudo anonimato que as plataformas e recursos digitais proporcionam, como se dessa forma, reprimindo, agredindo e hostilizando, tais "anônimos" fossem erradicar o que, em suas visões mesquinhas e preconceituosas, consideram errado.

Michel Foucault em sua obra **A história da sexualidade**, de 2010, escreve de forma clara e sucinta, o que vem a ser a repressão sexual:

[...]a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades [...] (FOUCAULT, 2010, p.10).

Podemos observar, embasados na pesquisa de Paiva (2008), que, essa repressão ultrapassou o contexto das relações sociais e de certa forma, se reproduziu no âmbito literário infantil e infanto-juvenil, haja visto o pequeno percentual de publicações direcionadas a esta faixa etária, que tratam de forma clara e imparcial o tema.

3.1 A obra **O menino de vestido**

O livro aqui estudado marcou a estreia literária de David Wallians, sendo lançado em 2008 no Reino Unido pela editora *HarperCollins*, com o título **The boy in the dress**, e teve sua primeira edição no Brasil lançada em maio de 2014 pela editora Intrínseca com o título **O menino de vestido**. A obra foi a terceira do autor a ser lançada no Brasil.

Nascido em 1971, David Wallians é um renomado ator e comediante britânico, conhecido por sua parceria com o também ator britânico Matt Lucas, na série *Little Britain*. O público brasileiro pode ver o ator como jurado na bancada do programa *Britain's Got Talent*, um *talk show* com formato similar ao *The Voice Brasil*. Em 2008 começou a escrever livros voltados para o público infantil, surpreendendo a crítica pelo rápido sucesso que suas obras começaram a fazer. Seus livros já foram traduzidos em mais de 33 idiomas e venderam aproximadamente 2 milhões de exemplares somente na Inglaterra, conforme consta na página da Editora Intrínseca.

Devido ao grande sucesso de vendas do livro, a rede britânica de tv *BBC One* adaptou a obra para o cinema como um curta metragem, com 63 (sessenta e três) minutos, exibido no Brasil em 2014². Um detalhe importante presente na adaptação para o cinema é a diversificação e identificação racial, algo que no livro percebe-se somente na descrição de Darvesh, o melhor amigo

² Não foram localizadas na internet cópias em português do curta metragem. O canal *BBC One* disponibiliza cópias em inglês, porém, somente para os países do Reino Unido.

de Dennis. Neste caso, Lisa, a menina que virá a ser a grande amiga de Dennis e a principal incentivadora de suas aventuras, é representada por uma atriz negra, sendo que no livro, não existe nenhuma menção a origem ou cor da pele da personagem. Além disso, o próprio autor faz uma pequena participação no curta, atuando como árbitro de futebol, visivelmente homossexual, representado de forma bastante caricata.

Além da obra que é o objeto de estudo dessa pesquisa, podemos destacar outras obras do autor, tais como:

- **O senhor fedor** (2009);
- **O menino bilionário** (2010);
- **Vovó vigarista** (2011);
- **Ratoburguer** (2012);
- **Dentista sinistra** (2013);
- **Vovô deu no pé** (2015);
- **Os piores pirralhos do mundo** (2016)

Podemos observar que as obras desse autor, apesar de serem direcionadas para o público infantil e juvenil, trazem no enredo um tema, no mínimo, polêmico ou que vai na contramão dos usos e costumes tidos como habituais. É o caso de, por exemplo, a obra **Vovó vigarista** em que a imagem de uma velha senhora serve de disfarce para uma ladra internacional de joias que planeja seu grande assalto juntamente com seu neto, Ben. Ou ainda, o que dizer de Burt, o vendedor de hambúrgueres feitos com carne de rato, sendo este o vilão da obra **Ratoburguer**. Seguindo a mesma linha, temos o livro base deste trabalho, que trata de um tema instigante e provocativo, a questão de gênero.

Não foram localizados trabalhos acadêmicos analisando ou relacionados à obra aqui analisada, porém existem diversas resenhas em sites voltados à análise de obras literárias que dão, de forma superficial, um apanhado geral do enredo do livro e das características dos personagens. Como ponto em comum, podemos citar que a maioria dos comentários a respeito do livro convergem para a forma leve com que o autor analisa as questões de identidade de gênero, sem entrar no âmbito sexual.

3.2 Enredo

Dividido em 22 capítulos, com ilustrações feitas por Quentin Blake³ e com parágrafos e capítulos curtos que tornam os diálogos e a leitura mais dinâmicos, a obra conta, de forma leve e descontraída, as aventuras e desventuras de Dennis. A história é contada em terceira pessoa, por um narrador onisciente, que ora interage com o leitor (e de forma velada também expõe seu ponto de vista) ora detém-se aos fatos e ao desenvolvimento da narrativa, porém sempre deixando transparecer de forma discreta, sua visão pessoal. A obra, já nos capítulos iniciais, mostra alguns dos traços marcantes da personalidade da maioria dos personagens envolvidos no enredo, sem relativizar a relação e interação entre eles.

O pai de Dennis, que durante a obra é identificado apenas como "pai" é descrito como um homem solitário e amargurado, que guarda muita raiva por ter sido abandonado pela esposa, transmite essa raiva para os filhos através de uma série de regras autoritárias que criou, além de não fazer nenhum esforço em tornar o convívio com seus filhos mais afetivo e amigável. Um detalhe interessante é que, além das características emocionais acima citadas, o "pai" é descrito fisicamente pelo narrador como um homem gordo, muito gordo, sem deixar claro qual a real intenção do narrador ao descrevê-lo dessa forma.

Em outros trechos, o narrador demonstra uma certa implicância com o aspecto comportamental do "pai", dizendo que ele, todos os dias ao chegar do trabalho "come um pacote inteiro de biscoitos de chocolate viciantes" (WALLIANS, 2014, p.21) ou ainda, que comia, após o café da manhã, dois pacotes de batatinhas chips (WALLIANS, 2014, p.19). Mais algumas passagens reforçam a imagem retratada pelo narrador quanto ao aspecto físico do pai de Dennis, como por exemplo, quando é relatado que Dennis, seu pai e seu irmão jogam futebol no quintal de casa e que o pai, por ser gordo demais, sempre ficava de goleiro, ou ainda, quando afirma que era muito difícil fazer gol no pai de Dennis, conforme segue " [...]E não era *fácil* fazer a bola passar pelo pai. Não que ele fosse um bom goleiro, mas era tão *grande*." (grifos do autor) (WALLIANS,p.21)

³ Quentin Saxby Blake é um cartunista, ilustrador e escritor de obras infantis inglês.

Têm-se a sensação de que o narrador, intencionalmente ou não, quis mostrar a imagem do pai de Dennis, no caso, um homem gordo, de forma generalista, ignorando a carga emocional vivida pela personagem após o abandono, como se o simples fato de ser gordo o tornasse alguém relapso, amargurado, agressivo e violento, relacionando e dando a entender que essas características são predominantes em todos os homens que estão acima do peso normal. Inclusive todo o segundo capítulo do livro é dedicado ao pai de Dennis, descrevendo seu aspecto físico e comportamental, com o título "Pai Gordo".

John, irmão mais velho de Dennis, mantém com este uma relação tão pouco afetuosa quanto o pai mantém com eles, humilhando-o ao fazer coisas que, conforme descreve o narrador, só ele acha graça, como por exemplo, sentar na cabeça de Dennis e soltar *pum* ou ainda ao zombar de Dennis, quando este chora pela ausência materna, dizendo que chorar é coisa de menina. Podemos entender que a maneira que John trata Dennis é uma forma de exteriorizar o rancor, a tristeza e a incompreensão que ele, assim como o "pai", alimenta por ter sido abandonado junto com o irmão.

Dennis é a personagem principal da obra, abandonado pela mãe aos nove anos, o menino, hoje com 12 anos, vive com o que sobrou de sua família; seu pai nada afetuoso, e seu irmão John. Podemos afirmar que a vida de Dennis e sua relação com o pai e o irmão é bastante complexa pelo fato de terem sido abandonados e pelos regramentos coercitivos impostos pelo pai, os quais fazia questão de relembrar aos filhos, num permanente tormento psicológico, como podemos verificar no fragmento abaixo:

[...] Desde sua partida, o pai passara a falar pouco e, quando falava, quase sempre era aos gritos[...]

[...]John sentia uma enorme e silenciosa raiva da mãe por ela ter abandonado a família e concordava com o pai sobre ser melhor nunca mais voltarem a falar nela. Estas eram algumas das regras da casa: Nada de falar sobre a mamãe.

Nada de choro. E a pior de todas: nada de abraços [...] (WALLIANS, 2014, pag. 13; 15)

Para melhor definir essa situação que denominamos "tormento psicológico", buscamos o conceito de Moran *et al.* (2002) onde os mesmos:

[...] consideram cruel a demonstração de atos verbais e não verbais, repetidos ou singulares, com intenção ou não, por alguém próximo na posição de poder ou de responsabilidade com a criança, tendo o potencial prejuízo social, cognitivo, emocional ou físico no desenvolvimento da criança. É demonstrado por um comportamento de humilhação, degradação, [...], privação de necessidades básicas ou objetos de valor, impondo estresse e desconforto, desorientando cognitivamente e emocionalmente (MORAN *et al* (2002) *apud* ABRANCHES, 2012, p. 35-36).

Dennis achava a princípio que a vida sem a presença da mãe seria mais fácil, sem horário para dormir ou para se alimentar, assistindo ao programa que quisesse na tv, etc...Porém quando os dias transformaram-se em semanas, as semanas em meses e os meses em anos, ele percebeu que toda aquela facilidade, na realidade, era somente tristeza.

Para fugir dessa dura realidade, além de assistir os programas de auditório da apresentadora *Trisha*, Dennis usa como válvula de escape, suas duas grandes paixões, ambas compartilhadas com seus amigos que são, ou ainda virão a ser, os mais próximos. A primeira é o futebol, pois ele é considerado um dos craques do time da escola. Essa paixão é compartilhada com o amigo Darvesh, colega de escola e companheiro de time, que tem a mesma idade de Dennis e é também apaixonado por futebol. O narrador apresenta Darvesh como "sique"⁴, porém não detalha se o garoto é apenas um descendente de indianos ou um imigrante indiano. Além disso, o narrador relata superficialmente as características físicas de Darvesh, como por exemplo o fato dele usar a *patka*⁵ pois homens sique não podem cortar o cabelo, e o menino ainda era muito jovem para usar turbante.

Percebe-se que a situação de abandono vivida por Dennis, é um caso isolado em seu pequeno círculo de amigos, pois, apesar de não ser nominada e nem descrita fisicamente, a mãe de Darvesh, uma das personagens da narrativa, é descrita como uma mãe extremamente orgulhosa e participativa na vida do filho, que se envolve até mesmo nas partidas de futebol disputadas pelo menino indiano, com uma motivação exacerbada, festejando uma simples vitória do time da escola como se fosse uma conquista da seleção inglesa, como podemos verificar no trecho a seguir:

⁴ Diz-se de ou membro de uma comunidade religiosa monoteísta, fundada no Punjab (Índia) no fim do século XV pelo guru Nanak Dev (1469-1538), que afirma a existência de um Deus único criador e rejeita o sistema hindu de castas.

⁵ Espécie de lenço usado pelos jovens sique, com o objetivo de manter o cabelo longe do rosto.

—Vocês estão nas semifinais meninos! Mal posso esperar— exclamou a mulher na volta para casa, buzinando sem parar em seu Ford Fiesta, comemorando. Era como se a Inglaterra tivesse ganho a Copa do Mundo. (WALLIANS, 2014, p.30)

O narrador mostra também que, apesar de Dennis ter intimamente gostos diferentes, o medo da rejeição, as vezes disfarçado de curiosidade, se faz presente, e ao acompanharmos o diálogo entre ele e Darvesh isso fica bastante claro, conforme segue:

—Você se sente diferente – perguntou Dennis ao amigo.
 —Diferente como?
 —Ah, é só que, sabe, você é o único garoto na escola que tem que usar uma coisa dessas na cabeça.
 —Ah, isso. Bem, com minha família eu não me sinto. [...]
 —Mas e na escola?
 —No início eu me sentia, sim. Ficava meio sem jeito, porque eu sabia que todo mundo me olhava estranho.
 —É.
 —Mas, depois, acho que as pessoas foram me conhecendo e vendo que eu não era nada diferente. Só uso essa coisa engraçada na cabeça! (WALLIANS, 2014, p.50)

O autor descreve algumas das personagens da narrativa, pela visão da personagem principal, como por exemplo, Gareth, outro dos colegas de escola e de time, que nas palavras de Dennis, além de ser maior que todos os outros, tinha a voz mais grossa e era perturbadoramente peludo para um garoto de sua idade.

Raj, o jornaleiro, é descrito como um cidadão extremamente simpático, que está sempre sorrindo, mesmo que nada engraçado esteja acontecendo. Ele ri só de dizer o nome da pessoa que entra em sua banca, e é impossível não retribuir esse sorriso. Um detalhe que chama bastante a atenção, é que Raj, mesmo sem ter sua origem ou nacionalidade identificada na obra, é também descrito como um excelente negociante, extremamente habilidoso em conseguir fazer as pessoas comprarem coisas que não queriam, numa clara analogia aos imigrantes do Oriente Médio, que por sua vez, também são hábeis negociantes.

Já o diretor da escola é descrito como alguém rabugento e carrancudo, que não gosta de crianças, e, nas palavras do narrador, não gosta nem de si próprio. Vestindo um terno e colete cinza, com uma gravata grafite, óculos de armação escura e com o cabelo penteado com esmero, que combinava com seu bigode fininho, Sr. Braveza, como era chamado, era a personificação do mal humor.

Outras personagens, como a Srta. Bresslaw, professora de educação física, ou ainda a Srta Windsor, professora de francês, tem sua participação na narrativa limitada a poucas, porém, principalmente a segunda personagem, marcantes interações com Dennis.

Além do futebol, Dennis tem outra grande paixão, e esta, por sua vez, de certa forma, lhe traz recordações de sua mãe, amenizando a dor e a saudade, que é apreciar os vestidos da revista especializada em moda "*Vogue*", pois acha mais divertido os vestidos e trajes femininos do que as roupas feitas para os homens, especialmente um vestido amarelo florido que estampa a capa da revista e que parece muito com um que sua mãe usa numa foto meio chamuscada que guarda consigo, sendo esta a única lembrança física que tem dela.

Sua vida tem uma reviravolta quando, durante uma detenção na escola, conhece Lisa...Lisa James, descrita pelo narrador como a garota mais linda da escola, super descolada e que se vestia de tal forma que fazia o uniforme da escola parecer o figurino de algum clipe de música pop. A descrição do autor por vezes se confunde com a admiração platônica que Dennis nutre pela jovem estudante, pois ao descrever sua voz, relata: "—Lisa tinha uma voz linda, com notas roucas, mas muito suave". (WALLIANS, p.53)

Durante a detenção, Dennis descobre que Lisa gosta tanto de revistas de moda quanto ele, possuindo inúmeros exemplares em sua coleção e esse gosto fica mais evidente durante uma conversa, pós detenção, ao retornarem para casa, pois os assuntos são os sapatos que estarão na moda naquela estação, ou ainda o trabalho fabuloso de um estilista famoso.

No decorrer dessa conversa Dennis se questiona se realmente gosta das revistas de moda, com todo seu glamour e vocabulário específico, ou apenas das fotos, que de alguma forma, o remetem as lembranças maternas.

O fruto dessa amizade desencadeia em Dennis um processo de "auto descobrimento" pois ele acaba manifestando seu "outro eu", sentindo-se livre para fazer tudo aquilo que suas regras de convívio não permitem, sem ser julgado ou apontado. O desenvolvimento da história coloca a personagem em diversas situações, ora divertidas, ora tensas e humilhantes.

Dennis, agora com a proximidade e o gosto em comum com Lisa, passa a frequentar mais sua casa, admirando por longos períodos suas revistas

de moda e experimentando os vestidos da amiga, sendo literalmente tratado como se fosse a irmã mais nova de Lisa.

O menino, motivado pela insistência da amiga, aceita disfarçar-se de menina, com sapatos de salto, vestido e peruca, adotando a identidade de Denise, estudante de intercâmbio francesa e hóspede de Lisa.

O primeiro teste a que o disfarce de Dennis, agora Denise, é submetido, é uma visita a banca de Raj, pois se o jornalista, que conhece tão bem Dennis, não o reconhecer, ninguém reconhecerá. Devido ao fato de não ter sido reconhecido pelo jornalista, Dennis, incentivado por Lisa, decide manter o disfarce por mais algum tempo, e a prova de fogo seria na escola, pois existia a possibilidade iminente de ser descoberto e desmascarado a qualquer momento. O "teste" inicial foi considerado um sucesso por Dennis, pois além de não ser reconhecido por um colega de classe, foi cortejado pelo mesmo.

Em sala de aula, Dennis, devidamente disfarçado foi apresentado à classe como "Denise", estudante francesa, que durante o programa de intercâmbio, ficaria hospedada na casa de Lisa. Inicialmente tudo correu melhor do que esperavam, Dennis e Lisa, pois nem mesmo Darvesh, o melhor amigo de Dennis, reconheceu a "nova aluna" na entrada da escola. Durante o primeiro período, na aula de educação física, Dennis, ou melhor, Denise, apenas foi apresentada a professora, Srta. Bresslaw, que se limitou a questionar à Lisa, quem era a menina que lhe acompanhava e se estava autorizada a frequentar a escola.

Para surpresa e pavor de Dennis, os dois períodos seguintes seriam com a Srta. Windsor, professora de francês que adorava falar no idioma lecionado durante as aulas. Após formalmente apresentados, a Srta. Windsor seguiu falando em francês normalmente com Denise, pois, se a menina era natural daquele país, naturalmente dominava o idioma. Sem entender sequer uma palavra, Dennis foi levado para a frente da classe para que pudesse compartilhar com os demais alunos, as indagações da Srta. Windsor, que de tão empolgada que estava com a presença de uma aluna francesa, não parava de falar um instante sequer, em francês, é claro. Paralisado de medo, com toda a classe imóvel a sua frente, com todos os olhares fixos na "menina francesa", Dennis só conseguiu dizer, em inglês, que o sotaque da professora era horrível

e que não conseguia entender absolutamente nada do que ela falava, causando um grande constrangimento, levando a Srta. Windsor as lágrimas.

Dennis teve ainda, durante o intervalo das aulas, outra experiência marcante, pois ao ir ao banheiro feminino e estar cercado de meninas lhe dando atenção, o fazia se sentir querido, conforme nos mostra o trecho a seguir: "Fazia anos que Dennis não se sentia tão feliz. Todas aquelas meninas conversando com ele, fazendo-o se sentir especial. Ele estava no paraíso". (WALLIANS, p.113)

Ainda durante o intervalo, mas agora no pátio da escola, a bola de futebol, grande paixão da personagem principal, rolava de um lado para outro, indo parar nos pés de Denise, que, respondendo aos instintos futebolísticos, empinou a bola habilmente no ar, repetidas vezes para desferir um forte chute em direção aos meninos que jogavam. Porém, sapatos de salto alto não são os calçados mais adequados para jogar futebol, e um deles voou junto com a bola, fazendo Dennis ficar sem equilíbrio e cair, perdendo a peruca que usava. Era o fim de Denise e o início dos problemas de Dennis.

Tudo pareceu ficar em câmera lenta. Lá estava Dennis, caído no meio do pátio, de vestido, maquiagem e só com um pé do sapato. O silêncio caiu sobre a escola como neve. Todos pararam o que estavam fazendo e se viraram para olhá-lo.

— Dennis...? — perguntou Darvesh, incrédulo.

— Não, sou Denise — retrucou Dennis, mas a brincadeira tinha acabado. [...]

Dennis tentou sorrir.

Então, do meio do silêncio veio uma risada.

Depois outra.

E outra.

Não o tipo de risada provocada por algo engraçado, mas aquele riso cruel de zombaria, cujo objetivo é machucar e humilhar. As risadas foram crescendo e crescendo e crescendo, até Dennis sentir que o mundo inteiro ria dele. Por toda a eternidade.

— Hahahahahahahahahahahahaha! (WALLIANS, 2014, p.127)

Desmascarado por seu próprio descuido, agora Dennis era a encarnação do vexame e da humilhação. Sr. Braveza, fazendo jus à fama de rabugento e inflexível, expulsa Dennis da escola, mas não antes de lhe passar um grande e agressivo sermão, recheado de expressões ofensivas e degradantes. Sem poder voltar à escola, e por consequência, não poder participar das finais do campeonato, Dennis precisou ainda enfrentar seu amargurado e taciturno pai, o que lhe resultaria em um extenso interrogatório sobre as motivações para se vestir de menina, além de alguns dias de castigo, sem poder receber algum amigo e sem poder sequer sair de casa.

No dia das finais do campeonato, já liberado de seu castigo, por insistência de Darvesh, Dennis voltou à escola, ficando nas arquibancadas, escondido dos olhares zombeteiros sob o capuz de seu agasalho, de onde assiste estupefocado, seu time da escola encerrar o primeiro tempo do jogo, perdendo pelo placar de 6 x 0. Apesar da insistência dos demais colegas de time para que Dennis seja liberado para jogar, Sr. Braveza continua irredutível em sua decisão de mantê-lo afastado da escola e principalmente da equipe de futebol. Para a surpresa de todos os presentes, todo o time da escola retorna para o segundo tempo usando vestido, numa afronta direta ao Sr. Braveza, alegando que ele havia expulsado Dennis por usar vestido, mas não poderia expulsar todo o time.

O jogo ainda traria boas surpresas para a personagem principal, pois em meio à euforia da partida, Dennis reconhece seu pai na arquibancada, gritando, motivando e torcendo por ele, como se o fato de estar usando vestido fosse totalmente irrelevante. Apesar do resultado favorável e do título inédito para a escola, a decisão do Sr. Braveza foi mantida e Dennis continuou afastado da escola, até que, numa surpreendente conversa com Raj, descobre que o diretor da escola cultiva certos hábitos em segredo, os quais, perante a comunidade escolar, repudia veementemente.

De posse dessas informações, Dennis e Lisa "convencem" o diretor a reconsiderar sua decisão e o menino enfim, pode voltar a rotina escolar, porém agora com o apoio do pai e do irmão. De forma surpreendente, Raj recebe Dennis e seu irmão em sua banca, vestindo um sári⁶ verde-claro, alegando ser Indira, tia do jornalista, porém esquecendo que a barba por fazer, o pomo de adão e as mãos peludas denunciavam seu disfarce.

Faltava ainda, para Dennis, desculpar-se com a Srta. Windsor, pois a havia humilhado perante toda a classe, pedido este que é bem recebido e retribuído com o convite para o menino encenar uma peça de teatro, no papel de Joanna D'arc. Dennis recebe um inesperado e afetuoso abraço de seu irmão, que acompanhava de longe sua conversa com a Srta. Windsor, enquanto caminham em direção da escola. O mundo agora parecia diferente.

⁶ O sári, saree ou shari é um traje tradicional das mulheres na Índia. Ele consiste em uma longa peça de pano com cerca de 6 metros de comprimento, tipicamente amarrada na cintura com uma das pontas disposta sobre um ombro.

4. A representação de gênero em *O menino de vestido*

4.1 Procedimentos narrativos e sentidos gerados

Podemos analisar uma obra sob vários pontos de vista, focados nos aspectos poéticos, gramaticais, históricos, ou de foco para um trabalho didático, mas independentemente da forma que analisarmos, esta ou aquela obra, alguns pontos são de extrema relevância ao serem estudados, pois fazem parte, direta ou indiretamente, do andamento da narrativa, da reação e interação entre leitor e livro, e até mesmo, da possível intenção do autor ao propor determinados reflexões ao escrever aquela obra.

O menino de vestido nos oferece muitas possibilidades de análise, que vão desde a divisão clara e explícita entre as "coisas de menino" e "coisas de menina" descritas, até as manifestações de preconceito, opressão e angústia. E todas estas possibilidades nos chegam a partir da posição adotada pelo narrador, ou seja, pela instância da narração, que determina a forma como as informações do enredo nos chegam.

Partimos do princípio de que o narrador, em terceira pessoa, onisciente e seletivo, neste caso, participa da narrativa, interagindo com o leitor, tentando de forma sutil, expressar sua opinião, e de certa forma acaba influenciando no julgamento e análise do leitor. Da mesma forma, percebe-se que a onisciência do narrador é limitada, pois apesar de conhecer bastante dos sentimentos, medos e angústias de Dennis, esse poder de conhecer o íntimo das personagens, se limita ao protagonista pois o narrador não tem a mesma visão sobre as demais personagens, e esse fato cria um elo entre ele e a personagem principal, chegando ao ponto de o narrador manifestar solidariedade com as dores de Dennis. Podemos observar um momento de interação e participação no narrador no seguinte trecho:

E aos pouco o sonho de Dennis foi murchando.
 Mas ele continuava jogando no time da escola e era o melhor...chutador.
 Espere um pouco, preciso encontrar essa palavra.
 Ah, artilheiro.
 Sim, Dennis era o melhor artilheiro de seu time e marcava mais de um milhão de gols por ano.
Perdão de novo, leitor, é que eu não entendo muito de futebol:
 talvez um milhão seja demais. Mil? Cem? Dois?
 Enfim, era ele quem fazia mais gols. (WALLIANS, 2014, p.22-23) (grifo nosso).

Como mencionado, o narrador desvia-se sutilmente do "padrão" comumente encontrado, pois de sua posição, em terceira pessoa, com onisciência seletiva, ele vai opinando e alternando suas colocações de forma tão convicta, que, em certos momentos, nos passa a impressão de que ele é o próprio Dennis e que os fatos apresentados são lembranças de um passado remoto, recheado de dor e saudade, apesar dos momentos esporadicamente alegres.

Outra característica bastante relevante no narrador é que ele faz uso, com muita naturalidade, de diversas expressões escatológicas durante a narrativa, talvez como um recurso para se aproximar do leitor, gerando uma certa cumplicidade, pois muitos leitores, devido à criação e à idade, não podem se expressar usando o mesmo vocabulário do narrador, mas no momento íntimo criado entre leitor e livro, o narrador empresta suas falas ao leitor enquanto nos apresenta a história e, dessa forma, mesmo o leitor com a educação mais severa, pode extravasar seu vocabulário, sob o pretexto de que "quem fala" isso ou aquilo é o narrador e não o próprio leitor. O uso desse tipo de recurso é como uma forma de contestação aos padrões, e para junto ao leitor, parecer autêntico e/ou divertido.

[...]A professora se levantou da cadeira e se aproximou da recém-chegada. Enquanto examinava Dennis, respirou de leve sobre ele.
Hummmm, o cheiro é ruim mesmo, pensou o menino. Parecia uma mistura de cigarro, café e cocô. (WALLIANS, 2014, p. 107, grifo do autor)

O narrador, então, coloca-se ao lado do menino de 12 anos, de forma próxima e solidária, e apresenta suas aventuras, expondo, inclusive, de modo direto, os preconceitos de que foi vítima. Apesar da narrativa apresentar as aventuras de um menino de 12 anos, que, por um desejo íntimo de liberdade e também pelo apoio e influência da amiga, acaba usando salto alto e vestido, o narrador mostra que por trás dessa aventura de plumas, sotaque francês e peruca, existe uma sociedade excludente, homofóbica e preconceituosa. O narrador nos apresenta uma série de situações onde o preconceito extrapola os limites do pensamento pessoal, e transforma-se num claro ato de agressão, depreciando, humilhando e insultando aquele que se porta de forma diferente do aceitável ou desejado comportamento padrão, como podemos observar a seguir:

[...]
 — Você é **maluco**, menino?
 — Não, senhor.

- Então por que está usando um vestido laranja de paetês?
 — Não sei, senhor.
 — Não sabe?
 — Não, senhor.
 O Sr. Braveza se inclinou para a frente.
 — Você está usando *batim*?
 Dennis queria chorar. Mas o diretor, mesmo vendo uma lágrima brotar no olho do menino, continuou o ataque:
 — Essa ideia de se vestir assim, com maquiagem e salto alto... É **repugnante**.
 — Sinto muito, senhor.
 [...]
 - Está com vergonha do que fez?
 - Sim, senhor.
 - Não consegui ouvir, menino.
 - SIM, SENHOR. — Dennis desviou o olhar por um instante. Os olhos do Sr. Braveza tinham uma intensidade sombria. Era difícil encará-lo.
 - Sinto muito mesmo.
 - É tarde demais para isso, menino. Você andou matando aula e perturbou os professores.**Você é uma desgraça.** Não posso ter um **degenerado** circulando em minha escola.
 — Mas, senhor...
 — Você está expulso. [...] (WALLIANS, 2014, pag. 131-132) (**grifos nossos**)

Além de extremamente hostil e desnecessária, a interação do diretor com Dennis mostra uma faceta preconceituosa, severa e hipócrita, pois muitas vezes as atitudes que julgamos e condenamos nos outros, também estão presentes em nós mesmos.

Em alguns trechos o narrador mostra que além de existir um forte preconceito com a forma com que as pessoas se vestem, também existe preconceito pelo simples fato desta ou daquela personagem ser gorda ou magra, alta ou baixa, etc....

Vemos nas passagens onde o narrador descreve o pai de Dennis, que é dada ênfase a sua aparência física, de maneira irônica e por que não dizer, depreciativa, buscando associar o aspecto físico da personagem ao seu temperamento e aspectos emocionais, como se uma coisa fosse dependente ou requisito para a outra, pois além da descrição do "pai" como um homem "gordo, muito gordo", ele também é descrito como um homem solitário, amargurado, rancoroso, agressivo, pouco afetuosos, e em certos momentos, essa descrição emocional deixa de estar em uma linha que anda em paralelo com a descrição física, e se cruzam, de maneira que é natural a associação da forma de agir com a forma física do pai de Dennis.

- [...] Então, quando Dennis jogava futebol com o pai e o irmão, o homem sempre ficava como goleiro, por ser gordo demais.
 [...]E não era *fácil* fazer a bola passar pelo pai. Não que ele fosse um bom goleiro, mas era tão *grande*...[...](WALLIANS, 2014, p.21)

Além da descrição pejorativa do pai de Dennis e de alguns outros personagens, mascarada de detalhamento descritivo, o narrador se intromete durante a narrativa, opinando, expondo sua posição. Esse tipo de interação do narrador com o leitor, é um expediente usado nas literaturas mais populares desde o século XIX nos folhetins para manter a atenção e, nas obras de literatura infantil e juvenil, criar uma maior proximidade com o leitor.

Dennis, a personagem principal da narrativa, é apresentado inicialmente como um menino diferente. Apesar de viver, como nos mostra o narrador, em uma casa comum, em uma rua comum de uma cidade comum, Dennis se sentia diferente, pois sua forma de pensar era colorida e poética, embora sua vida fosse muito chata.

A situação de abandono vivida por Dennis, seu irmão e seu pai, deixou marcas invisíveis, porém latentes em todos da família, manifestando-se de forma diferente em cada um, revelando durante a narrativa, o conceito de individualismo nas relações, pois cada um reage a sua forma e conforme suas experiências. O pai de Dennis fechou-se dentro de si próprio, deprimido, procurando afastar de si e dos outros, qualquer gesto que remetesse às lembranças da mulher que os abandonou. John, irmão de Dennis, apesar de ter seu entendimento restrito às experiências da adolescência, conforma-se em concordar com o pai, buscando apagar de vez as lembranças maternas.

Já Dennis vive com a lembrança sempre presente de sua mãe, e talvez essa ausência materna tenha reprimido em Dennis a vontade de expressar seu gosto inusitado por revistas de moda e vestidos, embora seja o jogador mais importante do time de futebol da escola, ou seja, a personagem carrega em si mesma, o contraditório, com predileções masculinas e femininas.

Aliás, a personagem "mãe de Dennis", apesar de ausente na vida da personagem principal, está presente na narrativa, agindo de forma invisível pelas poucas lembranças que o menino tem dela, interferindo diretamente, como Dennis se relaciona ou compara sua vida com a vida de outros personagens. É justamente o impacto causado pela ausência da mãe na casa de Dennis, que mostra claramente a separação dos universos masculino e feminino durante a narrativa. Esse tipo de separação aparece inicialmente pelas palavras do próprio irmão de Dennis que, durante uma conversa para consolar a personagem, manifesta:

Mas certa noite seus soluços despertaram John.

— Dennis? Dennis? Por que está chorando agora? — perguntou o irmão de sua cama.

— Não sei. É só que... eu... eu queria que a mamãe estivesse aqui. Queria que ela voltasse para casa... — respondeu Dennis.

— Bem, não chore. Ela foi embora e não vai voltar.

— Como você sabe?

— Ela nunca mais vai voltar, Dennis. Agora pare de chorar. **Isso é coisa de menina. (Grifo nosso)**

Mas Dennis não conseguia parar de chorar. A dor o tomava por dentro, indo e vindo como as ondas no mar, açoitando-o até quase afogá-lo em lágrimas. Mas, como ele não queria aborrecer o irmão, chorava o mais baixinho que podia. (WALLIANS, 2014, pags.15-16).

Percebe-se, no trecho destacado, nitidamente a intenção de John, em delimitar e mostrar para Dennis que chorar não é uma das atitudes próprias de meninos, como se o choro fosse uma demonstração de fragilidade, de fraqueza, o que de certa forma, nos remete a uma condição de suposta inferioridade feminina pelo simples fato de expressarem suas emoções de forma mais intensa, sendo o choro uma manifestação comum das emoções femininas.

Novamente o universo masculino e feminino é delimitado pelo preconceito, as vezes de forma involuntária, outras, de forma bastante consciente. Durante a história, Dennis ao comprar seu exemplar da revista *Vogue*, é questionado e avisado por Raj:

Mas depois de passar *Armas de fogo* na caixa registradora, Raj fez uma pausa.

Ele olhou para a *Vogue* e depois para Dennis.

O menino engoliu em seco.

—Tem certeza que quer isso, Dennis? —perguntou Raj. —Quem lê a *Vogue* geralmente são mulheres. (WALLIANS, 2014,p.32)

A manifestação preconceituosa do jornalista, mesmo que de maneira involuntária, causou tamanho efeito no menino que, envergonhado por seu gosto peculiar, se viu praticamente obrigado a mentir como mostra o próximo trecho: " —Humm....—hesitou Dennis. —É um presente para uma amiga, Raj, é aniversário dela". (WALLIANS,p.33)

A reação de estranhamento causada pela preferência atípica do menino, teve como resposta uma exteriorização preconceituosa, que, apesar de impensada, causou o mesmo constrangimento que uma ação proposital, porém passível de resposta. Entretanto, quando a demonstração de preconceito é intencional, direcionada e vem acompanhada pela zombaria e a crueldade, a reação normal do atingido é a fuga, a dor e a interiorização do sentimento de revolta.

— Bom dia Dennis! Ou será que devo chama-lo de Denise? —disse John, rindo com crueldade. [...]

Dennis sentou em silêncio à mesa da cozinha, sem sequer olhar para o irmão, e se serviu de cereal.

—Viu algum vestido bacana ultimamente? —provocou John, rindo.

— Eu mandei não falar nisso! —ralhou o pai, desta vez mais alto.

— Isso é revista de menina! Ou de maricas! [...]

Dennis de repente perdeu a fome, pegou sua mochila e foi embora. [...]

Dennis caminhou sem vontade para a escola. Não queria ficar nem em casa e *nem* na escola. (grifo do autor) Tinha medo de que o irmão contasse a alguém e que rissem dele por isso. Tinha vontade de sumir. [...] (WALLIANS, 2014, p. 44-45) (grifo nosso)

O trecho acima, acontece na manhã do dia seguinte em que o pai de Dennis encontra o exemplar da revista *Vogue* sob o colchão do menino. Obviamente que a reação do pai não foi das melhores, até porque nas suas palavras, esse tipo de revista não é aconselhado para meninos:

— Isto vai para o lixo, filho.

— Mas pai...— protestou Dennis.

— Lamento filho, mas não é certo um garoto da sua idade ler a *Vogue* (WALLIANS, 2014, o.43)

Percebe-se que os universos masculino e feminino recebem tratamentos distintos durante a narrativa, recebendo, cada um, o seu espaço, onde meninos comportam-se e fazem coisas de meninos, e meninas comportam-se e fazem coisas de meninas. Dennis é o elemento de consegue transitar livremente pelos dois espaços, fazendo coisas de menino e de menina, criando uma intersecção entre os dois universos, sem, contudo, fixar-se em apenas um. Se diverte com o futebol, da mesma forma que se diverte com os vestidos e fotografias da alta costura da *Vogue*.

O próprio narrador, durante uma de suas muitas intromissões, dá sua contribuição homofóbica durante a narrativa, quando "Dennis" usa pela primeira vez o vestido e os sapatos de salto alto, segundo o trecho a seguir:

"No início Lisa foi segurando a mão de Dennis para ajudá-lo a se equilibrar. Após alguns passos, no entanto, ele começou a firmar um pouco os pés, caminhando com mais facilidade.

É preciso algum tempo para se acostumar a andar de salto alto. Não que eu saiba disso, leitor. Só ouvi falar" (WALLIANS, 2014, pag. 94). (Grifo nosso)

Pode-se observar que o narrador faz questão de enfatizar que "só ouviu falar" que era preciso algum tempo para se acostumar a andar de salto alto, ou seja, que ele nunca usou, numa clara posição preconceituosa diante da situação vivida pela personagem, não referindo-se ao fato das dificuldades

encontradas ao andar de sapatos de salto alto, mas sim ao fato de usar esse tipo de calçado, que notoriamente faz parte do vestuário feminino.

Visivelmente a obra optou pelo caminho mais leve e menos comprometedor, preferindo tratar a questão de gênero de forma velada, sem explicitar se este ou aquele personagem efetivamente apresentava uma orientação sexual diversa de sua natureza biológica. Observa-se ainda que a obra inclina-se mais para a questão da identidade sexual do que para a questão de orientação sexual, pois entendemos que os personagens que apresentam uma identidade sexual diferente, não necessariamente, apresentam uma orientação sexual contrária a sua natureza. Podemos afirmar que dentre as opções apresentadas por Paiva (2014), a obra estaria em conformidade ao item que a autora considera como "temas delicados", por tratarem de situações das relações humanas no cotidiano, que problematizam os conceitos preestabelecidos de comportamento social, quebrando paradigmas e desconstruindo estereótipos.

A escola, ambiente em que Dennis põe em prática sua aventura sobre salto alto, é aparentemente uma escola conservadora, que exige uso do uniforme, com regras rígidas de convívio entre os alunos e dirigida com mão de ferro pelo Sr. Braveza. A escola não se posiciona, enquanto instituição, de maneira favorável ou desfavorável acerca dos fatos ocorridos com o jovem estudante, porém esta responsabilidade de posicionamento e decisão recai na figura do diretor, que de maneira injustificável, acaba expulsando Dennis da escola, sob o pretexto de conduta inadequada e má influência sobre os demais estudantes.

A família de Dennis, após o choque inicial de saber que o menino havia sido expulso da escola por trajar roupas femininas e se passar por outra pessoa, coloca-se ao lado do menino, apoiando-o, numa clara demonstração de que o que ele fez ou vestiu, não determina quem ele é. Da mesma forma, seus amigos mais próximos se posicionam em defesa do amigo injustamente expulso, afirmando que a amizade entre eles não será manchada ou alterada pelos fatos ocorridos, pois o amor fraternal e os laços de afeto fortalecidos, são determinantes no posicionamento que o pai e John adotarão ao lado de Dennis, no acolhimento em contraste a posição excludente adotada pela escola.

Uma passagem importante e que requer uma análise mais detalhada acontece quando Dennis e Lisa, por intermédio de Raj, descobrem que o Sr. Braveza, aos domingos, às escondidas, também costuma vestir-se de mulher, fazendo-se passar pela irmã do diretor. Neste momento encontramos duas situações bastantes incômodas, pois, primeiramente, de posse dessa informação, Dennis e sua amiga, convencem Sr. Braveza, a reconsiderar a expulsão, através de um recurso bastante questionável, pois implicitamente, deixam transparecer que a escolha do vestuário dominical do Sr. Braveza pode vir a público na escola, ou seja, chantageiam o diretor. Têm-se a impressão de que a obra propõe que toda a pessoa homofóbica, também é homossexual ou que tem algo a esconder sobre si, o que é de certa forma redutor.

Essa inversão de valores e situações, coloca os dois protagonistas numa posição antagônica a tudo o que manifestaram durante a narrativa, pois entendiam que a forma de vestir de uma pessoa, não determina quem ela é ou deixa de ser, porém, ao chantagear o diretor colocam-se no mesmo patamar que ele se colocou ao expulsar Dennis, errando na mesma forma e medida, apoiados no mesmo preconceito manifestado pelo diretor. Temos aqui uma situação ambígua, pois ao mesmo tempo que a obra propõe a discussão salutar sobre a questão de gênero, reproduz estereótipos redutores e preconceituosos.

A segunda situação baseia-se na controversa decisão por parte do diretor, ao expulsar de forma abusiva o menino, condenando sumariamente as atitudes do jovem como se ele, o diretor, fosse modelo de conduta e comportamento. Podemos verificar que a decisão do diretor é o reflexo de sua consciência conflitante, pois enxerga como uma atitude passível de punição, o fato de outra pessoa vestir-se com roupas do sexo oposto, porém enxerga com naturalidade, quando ele mesmo se veste assim. Dessa situação podemos observar também que inconscientemente o diretor trava uma batalha interna entre sua posição de chefia, de postura bastante rígida e de conduta supostamente irretocável e seu desejo ou talvez sua orientação sexual reprimida por convenções.

4.2 A obra e as questões de gênero na contemporaneidade

Quando optamos abordar sobre tema identidade de gênero nesta obra, o fizemos com o intuito de demonstrar que não são somente as escolhas

e opções de cunho sexual que estão sujeitas a discriminação, hostilidades e preconceitos, mas sim, qualquer inclinação que, de alguma forma, fuja dos padrões sócio comportamentais tidos como aceitáveis e normais.

Na obra em questão, observando apenas o título, tende-se a acreditar que a personagem principal, ainda não identificado e apenas caracterizado por seu substantivo referencial, no caso, menino, possui tendências ou fez, de fato, tem uma orientação sexual diferente de sua condição biológica, o que já nos leva, e muito provavelmente grande parte dos leitores, ao primeiro questionamento, mesmo que inconscientemente, preconceituoso, afinal de contas, por que um "menino" usaria vestido?

Analisando somente o aspecto biológico, as diferenças de gênero se apresentam de forma clara e inegável. O que se observa, no entanto, é que tais diferenças, a princípio biológicas, converteram-se em desigualdades e discriminação, disseminadas pela sociedade nos mais variados cenários e ambientes.

O questionamento inicial sobre o título da obra deve-se muito ao fato dessa construção de gênero individualizada, regrado, de forma quase coercitiva, o que são coisas de menino e o que são coisas de menina, delimitando fronteiras. Parte-se da premissa socialmente aceita e até certo ponto, como já dito, regulatória, de que vestido é roupa de meninas, e que meninos não podem, de forma alguma, fazerem uso desse tipo de peça de vestuário. Por quê?

Poderíamos buscar as respostas a estes questionamentos nas convenções culturais que há muito tempo determinam quais são as peças do vestuário mais adequadas e aceitas, para meninos e meninas. Poderíamos ainda explicar que a adoção de um determinado tipo de peça do vestuário para cada gênero está embasada nas criações de renomados homens e mulheres que dedicaram suas vidas ao desenvolvimento e às tendências da moda.

Porém essa pergunta não tem resposta, simplesmente porque não existem normatizações legais que proíbam um menino/homem de usar um vestido, uma saia, ou qualquer outra peça do vestuário que usualmente é usada por mulheres. Seriam os meninos ou homens menos providos de testosterona pelo simples fato de usarem uma peça de roupa tipicamente feminina? Por sua vez as mulheres adquiririam características másculas ao usarem uma calça

social ou uma camisa, peças desenvolvidas originalmente para o público masculino?

Nem uma coisa nem outra, pois não é o tipo de roupa que vestimos o fator determinante sobre nosso caráter e conduta. Muito pelo contrário, talvez seja essa uma forma de fuga e libertação de uma realidade opressora. Neste ponto **O menino de vestido** em de certa forma, fundamentar nossa linha de raciocínio, pois é a partir do momento que Dennis passa a usar roupas femininas que seu processo de libertação é desencadeado. E quando nos referimos à libertação, não tratamos aqui de escolha ou orientação sexual, até porque isso, como já dito anteriormente, não é tratado na obra, mas sim, a libertação das amarras impostas pela situação familiar que ele vive, na qual as manifestações de carinho são repudiadas e as lembranças materno-fraternais, suprimidas. Podemos afirmar que Dennis é o representante da insubordinação à normalidade heterossexual – um menino vestido de menina – e isso é suficiente para trazer à tona uma carga de estereótipos, de preconceitos e de discriminação, usados como uma tentativa de reestabelecer a normalidade heterossexual violada.

É, no caso de Dennis, fazendo-se uma grosseira analogia, quase um caso de TDI - Transtorno Dissociativo de Identidade⁷, onde surge um novo "eu" que até então estava aprisionado, sem que com isso, as opções e escolhas biológicas e sexuais sejam afetadas ou alteradas, um tipo de auto alteridade, mesmo que esse outro "Dennis" não fosse um reflexo de sua individualidade. Era Dennis e o outro, sendo que esse "outro" também era Dennis, porém, esteticamente diferente.

Bakhtin, como visto anteriormente, explica a alteridade na criação estética quando escreve que existem acontecimentos que não podem desenvolver-se num plano único, em uma única consciência, pois a essência do acontecimento é essa relação de uma consciência com a outra, caracterizada justamente por sua alteridade.

Este talvez seja o ponto mais importante de nossa pesquisa, pois apesar de todos os indícios explícitos na obra, tais como o gosto pouco incomum por revistas de moda ou ainda a escolha por usar trajes femininos, a personagem

⁷ Condição psicológica severa em que aspectos importantes como memórias, comportamentos, sentimentos e a própria identidade são afetados. O TDI se configura como um processo mental dissociativo responsável pela falta de conexão ao que a pessoa traz em sua personalidade 'real'.

principal não apresenta qualquer tipo de orientação sexual diferente de sua natureza biológica, mas sim desenvolve uma outra consciência, e relaciona-se internamente com ela, e mantém a sua consciência e a nova convivendo sem conflitos.

O autor, intencionalmente ou não, parcialmente desconstrói o conceito dos quatro pilares da sexualidade que são: o sexo biológico (macho/fêmea), a identidade sexual (masculino/feminino), a orientação sexual (homossexual/heterossexual/bissexual) e os aspectos psicológicos (conduta, disposição e afinidades), sendo que estes elementos biopsicossociais se interligam e agem de forma recursiva no indivíduo.

Muito possivelmente essa recursividade tenha sido ponto preponderante para que a personagem aceitasse a sugestão de mostrar-se na escola e perante seu círculo de amigos, mesmo que de forma anônima, como uma menina. Dennis, ao se disfarçar como a estudante de intercâmbio francesa "Denise", não sofreu influência desse novo meio de apresentação, mantendo sua natureza biológica, sua orientação sexual, mas alternando sua identidade sexual, conforme cada situação, numa atitude libertária (disposição), que lhe permitia extrapolar todo e qualquer limite imposto pela sociedade e por sua desestruturada família (conduta), indo de encontro aos regramentos e convenções (afinidades), afinal de contas a "menina francesa" poderia simplesmente desaparecer.

Soma-se a isso o fato do abandono parental que, por sua vez, deixa marcas profundas no consciente e inconsciente, e seus impactos são sentidos principalmente na forma e no nível das relações estabelecidas no futuro, pois estas relações tendem a ser superficiais, haja visto que não se pode oferecer um relacionamento saudável e repleto de amor, se não vivenciou e/ou sabe o que é isso.

Temos ainda uma manifestação de (auto?)repressão imposta ao diretor, que pode ser explicada, analisando a forma coercitiva como a sociedade trata e direciona os aspectos comportamentais de cada cidadão. Quando nasce uma criança, não são seus pais que declaram sua orientação sexual, mas sim a sociedade que diz "é um menino" ou "é uma menina" e a partir dessa simples afirmação, tem início "um processo de masculinização ou de feminilização com o qual o sujeito se compromete" (LOURO,2004, p.15). E para assegurar seu

espaço como um membro dessa sociedade, este mesmo sujeito precisa aderir a um padrão comportamental, sujeitando-se a regras que vão guiar sua identidade de gênero, para que dessa forma não seja visto como um sujeito desviante.

Independentemente da forma e conteúdo, as palavras, conforme orientou Candido, são muito mais do que uma simples ordenação de signos e códigos, mas sim, a comunicação, que reordena e reorganiza a desordem interior pela coerência mental, evidenciando seu caráter humanizador, manifestando a racionalidade, que é inerente a natureza humana, trazendo à pauta, elementos e temas que são importantes para a reflexão, e que estão em evidência no cenário mundial, que é a tão discutida questão de gênero. Além disso a obra tem, como já escrito anteriormente, uma série de valores e princípios ao abordar um tema pontual em nosso meio social.

Desta forma também, conforme os ensinamentos de Sartre, o homem, através da palavra, se torna explícito ao mundo e a outros homens, através da aceitação e da compreensão de sua responsabilidade assumida perante suas palavras, comprometido com o ambiente da linguagem, sem poder afastar-se dela, haja visto que, como já dito, cada homem é o reflexo e a consciência do meio em que vive, individualizando sua percepção do mundo, pois, cada pessoa tem suas convicções, sua trajetória, pois, cada indivíduo vive sua própria vida.

E cada sujeito, conforme suas experiências particulares, pode ou não, ver sua realidade nas páginas da obra, materializando sua visão sobre ele próprio, sobre os outros e sobre o mundo, para, dessa forma, externar sua vontade para mudar o mundo a sua volta.

Desse modo a obra nos remete a reflexão sobre alteridade, humanização, preconceito, estereótipos, situações que estamos, de certa forma, diariamente testemunhando, e que nos tiram da tão famosa zona de conforto, forçando-nos a rever nossas posições, concepções e conceitos.

5. Considerações Finais

Ao analisarmos uma obra literária, é praticamente impossível fazermos isso de forma completamente imparcial, pois nossas experiências e vivências acumuladas com o passar dos anos, de uma forma ou outra, acabam indo de encontro e ao encontro de passagens, trechos, situações ou personagens da narrativa.

O livro aqui analisado nos forneceu uma enormidade de situações que permitiram nosso posicionamento como leitores, acadêmicos e pais, pois, assim como o narrador, que em certos momentos acolhe a personagem principal e se compadece de sua dor, nós também, por vezes sentimos vontade de amparar e cuidar de Dennis, pois enxergamos na figura frágil do menino abandonado, um simulacro da realidade que aflige milhares de jovens, oriundos de famílias desestruturadas econômica, afetiva e emocionalmente.

Não nos coube, durante essa análise, discorrer sobre os motivos que levaram a mãe da personagem principal, a tomar tão drástica decisão, abandonando marido e filhos à própria sorte. Mas mesmo que estivesse ali, explícito, todo e qualquer motivo para ela os ter abandonado, caberia a nós somente observar e ponderar, pela ótica literária sobre tal abandono.

Porém, agora nos é permitido compartilhar um outro olhar sobre a narrativa que, apesar de ser voltada ao público infantil e juvenil, se mostra, por mais de uma vez, ambígua, preconceituosa e redutora. O próprio narrador, em mais de um trecho, posiciona-se de forma sutilmente belicosa sobre determinado fato, personagem ou situação, influenciando e sugestionando o leitor.

A escolha do título da obra já nos dava indícios de que aquela não seria uma leitura comum, pois leva, indiscutivelmente, a um pré-julgamento, colocando em dúvida a orientação sexual da personagem, ou seja, nos indagamos: como um menino usa vestido, uma roupa para meninas?

O fato de um menino de 12 anos ser um admirador de revistas de moda, a ponto de se deixar convencer e concordar em usar, vestido, peruca e salto alto certamente causa estranheza. Porém, mais estranheza deveria causar o fato de que, em pleno século XXI, com inúmeras fontes confiáveis de informação, existam manifestações verbais, agressivas e preconceituosas quanto ao que este ou aquele cidadão, famoso ou anônimo, veste ou deixa de vestir.

Testemunhamos isso nos comentários feitos por um participante de um programa de televisão, em que um determinado número de pessoas ficam confinadas em uma casa na disputa por um prêmio em dinheiro. Este participante, cantor sertanejo, que teoricamente deveria estar acostumado com a diversidade, questionou a orientação sexual de um outro participante, pelo simples fato de o jovem usar uma peça de roupa que se assemelhava a uma

saia, dizendo que não teria coragem de levar esse menino em sua terra natal vestido daquele jeito.

O desinformado cantor sertanejo, deveria buscar informações antes de destilar preconceito, pois a peça do vestuário em questão, já faz parte do conjunto de peças aceitas como masculinas, há aproximadamente 3000 anos, sendo usadas pelos Sumérios, pelos Egípcios e pelos Romanos, pelos mais diversos fins e motivos, menos para segregar gêneros.

Podemos trazer para a discussão ainda a famosa saia escocesa, cuja nomenclatura correta é *kilt*⁸, e que muito além de ser uma saia, é a marca registrada e identitária dos clãs escoceses que, por sua vez, é forma tradicional de divisão das famílias nobres. Também podemos citar o *O-yoroi*, armadura e vestimenta dos antigos samurais, elite guerreira do Japão feudal, que defendia com a própria vida, a vida e a integridade do imperador. Este uniforme de combate era composto por um conjunto de placas metálicas, couro e seda, e também dispunha de uma saia que era usada por baixo da armadura. Portanto, antes de ser uma demonstração ou manifestação de orientação sexual, a saia é, comprovadamente, uma peça de roupa para poucos e não é a roupa que define a sexualidade de uma pessoa.

Voltando à obra analisada, cabe o questionamento quanto à decisão do menino em vestir-se de menina, porém, é preciso analisar o quadro como um todo e não apenas o fato isolado. Lembremo-nos de que esse jovem vive o abandono materno há três anos, numa fase de transição em sua vida, passando da infância para a adolescência e, neste momento da vida, a figura materna desponta como modelo de orientação afetiva e fraternal. Talvez seja essa ausência que tenha alimentado no jovem Dennis, sua paixão pelas revistas de moda, e ainda de forma inconsciente, poderia manter a presença feminina em sua vida, assim como a decisão de vestir-se de menina pode ser um reflexo desse vazio afetivo.

Existe, na literatura, um número considerável de narradores, cada qual com suas particularidades e características, que podem se apresentar isoladamente ou em conjunto. Narradores oniscientes, onipresentes, personagem, em primeira ou terceira pessoa, e assim por diante. E mesmo com

⁸ Peça do tipo saia sem bifurcação na altura do joelho, com pregas nas costas, originada no traje tradicional de homens e meninos gaélicos nas Terras Altas escocesas.

essa variedade de tipos de narradores, eles não necessariamente representam a voz do escritor, mas sim, um elemento de ligação entre o autor e seu público.

Desta forma, entendemos que no livro **O menino de vestido**, David Wallians, por intermédio de seu narrador, abordou de forma bastante complexa a questão de gênero, desconstruindo preconceitos e estereótipos com a mesma velocidade que os reconstruía, capítulos mais adiante, em situações contraditórias e ambíguas, remetendo vítimas à posição de algoz, e vice versa. As manifestações sobre a questão de gênero, tema que requer cuidado e sutileza em sua abordagem, teve nesta obra, no nosso entendimento após a análise, uma metodologia inapropriada devido a quantidade de contradições e situações redutoras trazidas pelo texto. Se por um lado, David Wallians defende a liberdade de expressão baseada nas expressões de identidade sexual, ignorando a orientação sexual, por outro, ao mesmo tempo, mostra uma faceta intolerante, preconceituosa, estereotipada e homofóbica.

Apesar de entendermos que esta obra apresenta inconsistências nos procedimentos de abordagem e desenvolvimento do tema gênero, bem como na apresentação e caracterização do mesmo, acreditamos que, juntamente com outros escritos, pode contribuir de maneira significativa nos processos educacionais voltados e focados em combater a intolerância, seja ela racial, religiosa, sexual, etc....

Com o uso de metodologia adequada, conduzida por profissional que possa orientar os jovens individual e coletivamente, esta obra apresenta um grande potencial para possibilitar o debate, a reflexão e a efetiva compreensão, por parte dos jovens leitores, dos preceitos de humanização defendidos por Candido e Sartre, pelo fato de que valores há muito enraizados na sociedade, serão colocados à prova, no enfrentamento entre aquilo que é preestabelecido e julgado como o correto, e aquilo que é novo, conceitualmente incorreto, mas que não descumpra nenhum ordenamento legal ou jurídico, afinal de contas, onde está escrito que é ilegal ou proibido um homem usar vestido?

6. Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.

DAROS, Thuinie M V. **Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil**. Revista Práticas de Linguagem. V.3, n.2, jul/dez 2013.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Editora Graal, 2010.

Gênero. www.dicio.com.br/gênero/

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2009.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KILT. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kilt>

LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado, pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 6.ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 2003, 1.ed 1997.

OLIVEIRA, Rosa Maria. **Fronteiras invisíveis: Gêneros, Questões identitárias e Relações entre movimento homossexual e Estado no Brasil**. Revista Bagoas, n.4, p.160-172,2009.

O-yoroi - A armadura dos samurais. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-armadura-de-um-samurai/> Acessado em 23/4/2021.

PATKA. Disponível em: <https://www.sikhiwiki.org/index.php/Patka>

PNBE – **Programa Nacional Biblioteca na Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos>
Acessado em: 04/09/2020.

Quentin S. Blake. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Quentin_Blake

SÁRI. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1ri>

SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura?** 3ª ed. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SASTRE, Genoveva et al. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

SILVA, Luiza Trópia. **A formação do Leitor Literário**: um estudo de caso com os leitores de Harry Potter. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

SILVA, Aurílio S. **Literatura infanto-juvenil e diversidade sexual**: um olhar sobre a produção contemporânea. Revista Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas. v.16, n.27, jul/dez.2014, p.49-76.

SIQUE. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

SUPLICY, M. **Papai, Mamãe e Eu: O desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos**. São Paulo: Editora FTD, 1999.

The boy in the dress. <https://www.bbc.co.uk/programmes/b04w7pgj>

Transtorno Dissociativo De Identidade. Disponível em: <https://neurosaber.com.br/o-que-e-transtorno-dissociativo-de-identidade-tdi/>
Acesso em: 02/04/2020

WALLIANS, David. **O Menino de Vestido**. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro – RJ, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Revista Via Atlântica – UFRGS/FAPA. Nº 14, Dezembro – 2008.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. (Org.) **Estudo de gênero e literatura para crianças e jovens**: um diálogo pertinente. Caxias do Sul: Educus, 2015.

